

BIBLIOMONDIA CORRENTES

D'ES
CRI
TAS

**E DIGO INDIGNADO POR DOIS
MOTIVOS: UM PESSOAL E O
OUTRO EGOÍSTA. INDIGNADO
POR ESTAR MORTO, NÃO HÁ
DIREITO, REALMENTE, E O
OUTRO, PIOR, INDIGNADO POR
TER PASSADO PELA VIDA E
NÃO TER PODIDO MUDÁ-LA.**

José Saramago

UM MANIFESTO PARA AS HUMANIDADES

Numa altura em que tantos responsáveis políticos defendem a classificação dos estudos, sobretudo os universitários, em função da empregabilidade e da rentabilização da sua frequência, parece ser o momento de voltar a discutir a importância das humanidades para a cidadania e para a construção de uma sociedade livre e informada. Nesse sentido, um grupo de professores alinou as propostas que configuram um manifesto sobre o papel essencial que as humanidades devem desempenhar na comunidade e contou com o apoio do Institut d'Estudis Catalans para colocar o debate em movimento. «Unas Humanidades Con Futuro» pode ser lido na íntegra no blog colectivo Tormenta de Ideias, do *El País*, e o seu conteúdo ainda não está fechado; até ao próximo dia 31 de Março, qualquer pessoa pode participar na redacção do manifesto, enviando as suas contribuições via e-mail:

Gabinet.Presidencia@iec.cat

<http://blogs.elpais.com/tormenta-de-ideas/2013/03/a-favor-de-las-humanidades.html>

O CRÂNIO DE CASTELAO

No final de 2000, Santiago de Compostela recebia escritores e artistas oriundos dos vários países falantes de português para um encontro chamado Galego no Mundo, Latim em Pó. Por entre mesas de debate, leituras de poesia, concertos pela noite dentro e muitas conversas trocadas, uma das actividades que se partilharam nesse encontro foi o projecto de construir uma novela a várias mãos, com o género policial como linha de fundo e o desaparecimento do crânio de Castelao como detonador narrativo. O encontro teve algo de caótico, com muita chuva

a alterar os planos de longos passeios pela cidade e com músicos, actores, escritores e profissionais da comunicação a confirmarem que o melhor de qualquer debate bem intencionado são as conversas que surgem depois e não necessariamente os tópicos previstos no alinhamento do programa. Passados doze anos, os leitores poderão finalmente aceder à totalidade do texto polifónico sonhado pelo *Galego no Mundo, Latim em Pó*, com as assinaturas de Miguel Miranda, Possidónio Cachapa, Bernardo Ajzenberg, Germano Almeida, Luís Cardoso, Carlos Quiroga, Xavier Queipo, Xurxo Souto, Suso de Toro, Quico Cadaval e Antón Lopo. A novela será publicada em capítulos nos jornais *Sermos Galiza* (Galiza), *O Rascunho* (Brasil) e *Jornal de Letras* (Portugal), cumprindo assim a vontade dos organizadores do encontro de Santiago de Compostela: colocar os leitores dos diferentes espaços de língua portuguesa a partilharem leituras, da criação à fruição.

<http://www.sermosgaliza.com/>

<http://rascunho.gazetadopovo.com.br/>

<http://visao.sapo.pt/jornal-de-letras=s25193>

MANSILLA, UM PENSADOR-VIAJANTE

Correspondente da *Folha de São Paulo* em Buenos Aires, Sylvia Colombo regista no seu blog a publicação recente de um livro de Lucio V. Mansilla, *El Excursionista del Planeta* (organizado por Sandra Contreras para a editora Fondo de Cultura Económica). O autor, um conhecido escritor de meados do século XIX, foi um dos mais afamados viajantes da sua época, sabendo transformar as anotações que fazia ao longo das muitas viagens que realizou em profundas reflexões sobre a humanidade e o seu modo de se organizar colectivamente, as diferenças de costumes que parecem unir mesmo quando separam ou a situação política e cultural dos lugares por onde passou. Para Sylvia Colombo, esta visão

leituras do mês

global e aberta ao mundo que Lucio V. Mansilla demonstra nos seus escritos é um sinal contrário ao ambiente que a jornalista diz experimentar na Buenos Aires actual, mais virada para um nacionalismo isolador do que para um olhar capaz de abranger o mundo.

<http://sylviacolombo.blogfolha.uol.com.br/>

SOPRAR SOBRE AS PALAVRAS

Como vem sendo hábito todos os anos, os temas que organizam as várias mesas das Correntes d'Escritas (o encontro anual de escritores de línguas de expressão ibérica que decorre na Póvoa de Varzim) são retirados de obras literárias. Este ano, a honra coube aos poetas cujos livros integraram a lista final de onde saiu o Prémio Casino da Póvoa/Correntes d'Escritas, que distinguiu Hélia Correia. Ao escritor Manuel Jorge Marmelo, que recentemente publicou o romance *Somos Todos Um Bocado Ciganos* (Quetzal), coube participar numa mesa cujo mote era um verso de Armando Silva Carvalho, «E eu já nada sei soprar sobre as palavras», verso que lhe permitiu uma digressão sobre os territórios sempre férteis das memórias de infância, com algumas explicações sobre o que a sua produção literária deve a essas memórias. Quem não esteve presente na Póvoa de Varzim, pode agora ler a intervenção completa do escritor no seu blog. Um excerto: «Talvez os personagens dos meus livros sejam todos, de algum modo, tributários das recordações que tenho. Haverá neles alguma coisa do Rui Maluco, do Bailarina, das Martas, da Sofia, da Otilia, da Anita, da Bárbara, ou do Nuno, o mocito loiro de quem as Martas gostavam mais do que de mim. Há neles também algo dos meus vizinhos mais patuscos, das minhas tias velhotas, dos lavradores da terra da minha mãe e dos livros de quadradinhos do Tio Patinhas e do Major Alvega, que foram as minhas leituras mais instrutivas durante demasiados anos.»

<http://teatro-anatomico.blogspot.pt/2013/02/memorias-em-po-de-giz.html>

FUNDAÇÃO JOSÉ SARAMAGO
THE JOSÉ SARAMAGO FOUNDATION
CASA DOS BICOS

Segunda a Sexta
Monday to Friday
10 às 18 horas
10 am to 6 pm

Sábado
Saturday
10 às 14 horas
10 am to 2 pm

ONDE ESTAMOS
WHERE TO FIND US
Rua dos Bacalhoeiros, Lisboa
Tel: (351) 218 802 040
www.josesaramago.org
info.pt@josesaramago.org

COMO CHEGAR
GETTING HERE
Metro Subway Terreiro do Paço
(Linha azul Blue Line)
Autocarros Buses 25E, 206, 210,
711, 728, 735, 746, 759, 774,
781, 782, 783, 794

UMA ÁGORA CHAMADA INTERNET

Manuel Castells tem sido uma referência imprescindível na compreensão do mundo em que vivemos, sobretudo no modo como a comunicação em rede proporcionada pela internet tem definido esse mundo. Em *Redes de Indignación y Esperanza*, recentemente publicado pela Alianza Editorial, o autor aplica a sua grelha de análise mais recente a um conjunto de fenómenos político-sociais que marcaram as notícias dos últimos anos, do Médio Oriente à Europa do Norte, procurando os elementos comuns a esses fenómenos e estruturando uma leitura dos acontecimentos a partir de alguns factores essenciais como a possibilidade de comunicação rápida e generalizada permitida pela internet.

Quando as ruas de Tunes começaram a encher-se de pessoas que protestavam contra o Governo tunisino, a ideia de uma Primavera Árabe ainda estava longe do horizonte. Os protestos espalharam-se, chegando ao Egipto ou ao ao Bárein, mas aquilo que podia ser lido como um momento de mudança no mundo árabe não se ficou pela geografia do Médio Oriente e do Norte de África. Também a Islândia saiu à rua, derrubando um Governo e elegendo um outro. Na Europa, os movimentos sociais eclodiram, transformando as praças em acampamentos colectivos, e o mesmo aconteceu do lado de lá do Atlântico, com o movimento Occupy a reunir propostas, visões do mundo, tentativas de criar uma sociedade diferente daquela que nos trouxe até aqui.

Castells propõe algumas explicações para os movimentos, detalhando factos de ordem financeira e propostas apresentadas por alguns grupos organizados, partidos políticos ou outras estruturas

menos tradicionais, para resolver os problemas que a sociedade civil identificou ao longo dos últimos anos. No caso da Islândia, o autor explica o processo que esteve na origem da bancarrota, mostrando como a especulação financeira levou ao descalabro, mas mostrando igualmente como é que o novo Governo e a sociedade civil se organizaram para contrariar a bancarrota. Apesar destas explicações, Castells não pretende apresentar um quadro fechado que permita compreender e contextualizar os diferentes processos abordados, mas antes analisar o papel que a internet, as redes sociais e a comunicação em rede em geral desempenharam na Primavera Árabe como no Occupy Wall

Street, na Islândia pós-bancarrota ou na Espanha dos Indignados. Essencial para a organização de populações numerosas, por vezes geograficamente afastadas e sobretudo sem um programa de intenções comum, a internet tem permitido criar aquilo que os modos instalados de fazer política afastaram do espaço político, ou seja, discussão horizontal, auto-organização e ocupação de um espaço público.

Essa é a grande conclusão de Castells neste livro, a de que a rede construída através da internet permitiu a criação de uma outra rede, esta fora do espaço virtual, onde as praças de diferentes países foram ocupadas por pessoas muito diferentes e sem contacto prévio e onde as pessoas puderam trocar ideias e pontos de vista no sentido de avançarem (nalguns casos, para a criação de uma nova Constituição, como na Islândia, noutros para a exigência de eleições, como no Egipto): «Las personas superan el medo uniéndose. Y lo estaban, en las redes sociales de Internet y en las redes urbanas formadas en las plazas» (p.90). O movimento ainda não parou, mas ler sobre a sua orgânica e as suas características pode bem ser a melhor forma de compreender o que ainda estará por acontecer. **SFC**



GRANTA

PORTUGAL | I

DIRECÇÃO DE CARLOS VAZ MARQUES

+ 30% DESCONTO
DE
2 ANOS DE ASSINATURA

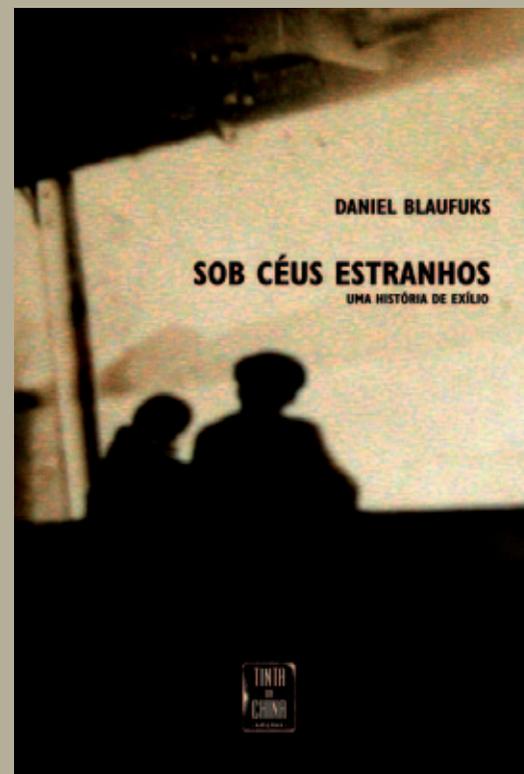
REVISTA SEMESTRAL MAIO | NOVEMBRO

€ ~~72~~
€49.⁵⁰

Portugal €49.50 | Europa €69.50 | resto do mundo €81.50



OFERTA



NA ASSINATURA
ATÉ 31 DE MARÇO

Prémio Photo España
para melhor livro
de fotografia

Inclui o filme em DVD

pvp €46
240 páginas
capa dura

www.tintadachina.pt

oferta limitada ao stock existente

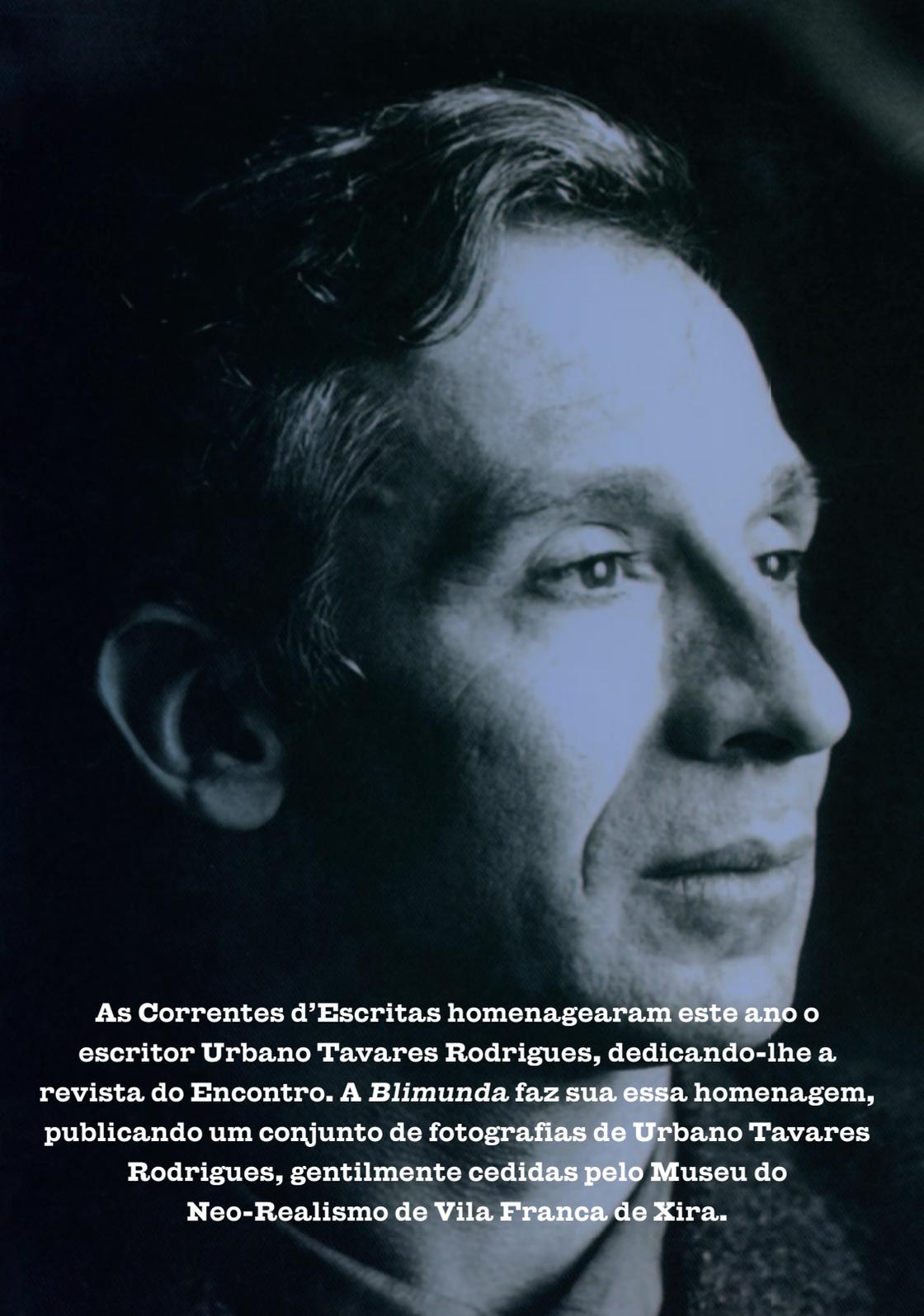
COINTEGRAR ESTES 50 ANOS SCRITADAS

Sara
Figuei
redo
Costa

50

14 ANOS
A CRIAR
PONTES

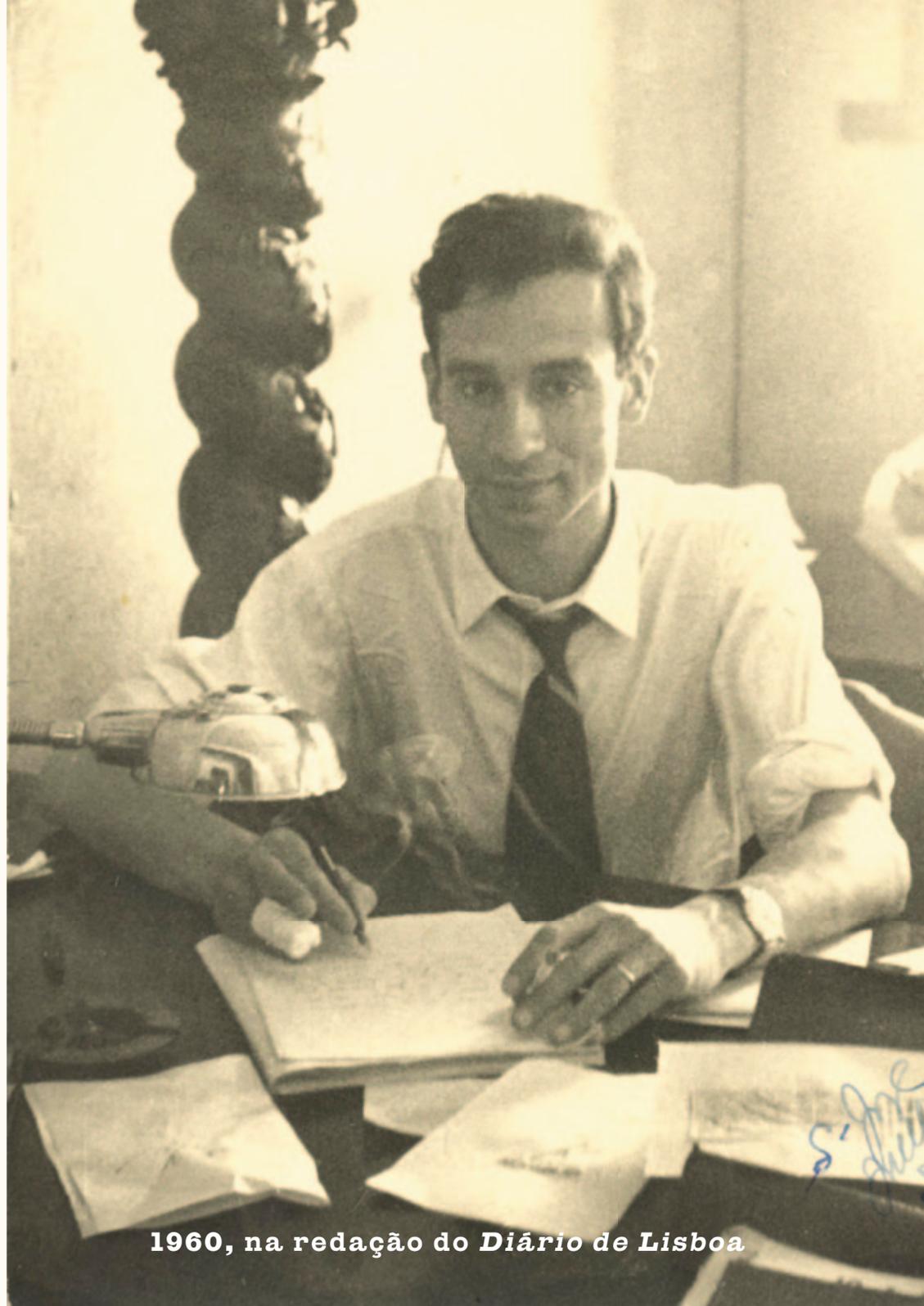
Há um ano, os indícios já eram claros. Intervenções mais acesas politicamente foram recompensadas por aplausos fervorosos, mesmo que não unânimes, e a palavra crise terá sido pronunciada em quase todas as mesas do encontro que anualmente leva à Póvoa de Varzim autores dos vários espaços onde as expressões ibéricas são língua oficial. Ainda assim, notava-se em boa parte da plateia aquele desprezo pelas coisas da política, como se no espaço da cultura não pudesse haver opiniões, defesas, propostas para o modo como vivemos, produzimos e consumimos. Um ano passado e tudo mudou.



As Correntes d'Escritas homenagearam este ano o escritor Urbano Tavares Rodrigues, dedicando-lhe a revista do Encontro. A Blimunda faz sua essa homenagem, publicando um conjunto de fotografias de Urbano Tavares Rodrigues, gentilmente cedidas pelo Museu do Neo-Realismo de Vila Franca de Xira.

A última edição das Correntes d'Escritas foi o reflexo sem fronteiras do ambiente social em que Portugal e a Europa têm vivido: muitas referências à austeridade, invocações directas a ministros e banqueiros, a «Grândola», de José Afonso, a pairar nas mesas de debate, não como ameaça a governantes, mas antes como senha para congregar, tudo coisas impensáveis até há dois anos. Uma das intervenções onde o ar do tempo se mostrou mais claro foi a de Virgílio Alberto Vieira, que começou citando Alexandre O'Neill e a sua *Feira Cabisbaixa* para logo prosseguir dizendo que falar de poesia quando o povo está sem pão, ou «sem tecto entre ruínas», é uma fantasia. E dá exemplos, quase todos oriundos da política cultural, destacando a devastação patrimonial e linguística, numa clara alusão ao Acordo Ortográfico que não pode ser coincidência numa mesa moderada pelo ex-Secretário de Estado da Cultura de Portugal, Francisco José Viegas. É uma das intervenções mais aplaudidas destas Correntes, o que dá bem a medida das coisas. E na mesa onde participou Rui Zink, o auditório chegou mesmo a cantar a *Grândola, Vila Morena*, a pedido do escritor.

Apesar da notória vontade de discutir política, a literatura não deixou de ser o centro das atenções de um encontro que se faz sobretudo de escritores e leitores. Não faltaram, por isso, as pequenas histórias que, partilhadas nas mesas de debate ou entre pratos e talheres, ajudam a fixar a memória futura de cada edição das Correntes d'Escritas. Foi assim com Rubens Figueiredo, que partilhou com o auditório a história do seu pai no tempo em que viveu em Mesão Frio, e a importância das memórias de infância na construção do património de um escritor. Ou com Ignacio Martínez de Pisón, que descobriu a existência de um mundo diferente do seu



1960, na redação do *Diário de Lisboa*

igualmente na infância, em plena Espanha franquista, graças à presença de soldados norte-americanos na base militar de Saragoça. Ou com Maria do Rosário Pedreira, que inventou uma fotografia de família para criar um texto sobre a memória e os afectos (que temos o prazer de publicar nesta edição). E também não faltou quem soubesse juntar política e literatura de modo sublime, como Ana Luísa Amaral, convocando referências literárias para o espaço onde afectos, escolhas e modos de convocar o mundo se juntam e lembrando Manuel António Pina, «o que podia ter sido foi, no caso de Manuel António Pina, muito; foi a poesia que nos deixou, foram os seus livros para crianças, o seu humor, as suas escritas todas contra a injustiça, a sua verticalidade de estar, a sua amizade: uma casa, ou seja, tudo menos ruínas». Ou quem cruzasse a política e o humor, como Manuel Rui, que perdeu a mala no aeroporto e passou o primeiro dia das Correntes, no frio húmido da Póvoa, apenas com roupa apropriada para os trópicos, mas nem por isso deixou de incorporar na sua intervenção o absurdo das facturas obrigatoriamente pedidas a troco de qualquer café neste Portugal onde a crise é a palavra mais pronunciada em qualquer serviço noticioso.

A beira de completar quinze anos, número redondo que há-de ter comemorações a preceito, o festival literário da Póvoa de Varzim continua a dedicar-se ao projecto que apresentou na primeira edição: juntar escritores e leitores, deixá-los falar uns com os outros, estabelecer pontes que facilitem o diálogo e que possam, igualmente, permitir o nascimento de novos projectos. Entre as mesas de debate e as longas noites no Hotel Vermar, há autores que descobrem os seus futuros editores, tradutores que



A Porta dos Limites, Editora Arcádia, 1960

conhecem os autores com cujas palavras trabalham, agentes que marcam reuniões e fecham contratos. E tudo isto no cruzamento das várias línguas que se espalham pela Península Ibérica, a América do Sul, a África e até a Ásia, este ano representada por Luís Cardoso, de Timor-Leste.

Num ano em que a crise tomou conta das conversas, as Correntes d'Escritas, o tom geral dos debates não deixou de tocar os territórios que formam os muitos universos permitidos pela literatura. Memória, infância e mito andaram pelos temas dos painéis e sobretudo pelo conteúdo das intervenções. A ideia de resgatar versos dos livros finalistas do Prémio Casino da Póvoa/Correntes d'Escritas, que este ano distinguiu Hélia Correia e o livro *A Terceira Miséria* (edição Relógio d'Água), como mote para cada mesa de debate voltou a revelar a sua eficácia, permitindo enquadrar as conversas sem contudo espartilhar a intervenção de cada autor, algo tão desejável quando se tem oportunidade de ouvir autores com universos, modos de trabalhar a linguagem e referências tão variados. No final, e mais do que o balanço institucional -que voltou a confirmar o sucesso de um festival que cada ano parece ter mais gente a querer encontrar um lugar no auditório-, fica matéria das palavras a ecoar como uma espécie de rastilho para o pensamento e cimento para a memória que se constrói no confronto entre livros e conversas. Fica muito, portanto, à espera do ano que vem. ■

Com Maria Judite de Carvalho,
Montpellier, 1952



MARIA DO ROSÁRIO PEDREIRA

Maria do Rosário Pedreira, editora da Leya e autora com vários livros publicados (sendo o mais recente a edição integral da sua obra poética, Poesia Reunida, na Quetzal), participou na sétima mesa das Correntes d'Escritas deste ano, um painel organizado a partir do verso «desse país arranquei todos os cravos», de José Agostinho Baptista. Gentilmente, a autora cedeu à BLMUNDA o texto da sua intervenção, um dos mais aplaudidos da edição deste ano.

ilustrações de JOÃO FAZENDA
para o livro *História de Uma Flor*, de Matilde Rosa Araújo, Editorial Caminho, 2008



Boa noite. Antes de mais, gostaria de agradecer à organização das Correntes d'Escritas, sobretudo à Manuela Ribeiro e ao Francisco Guedes, o convite que me foi feito para estar aqui, e saudar o moderador, os meus companheiros de mesa e todo o auditório. Venho a este encontro desde 2001 e, nos anos em que estive apenas desse lado, tive sempre vontade de estar deste: raramente um poeta ou editor tem um público tão atento e, não vale a pena negá-lo, todos gostamos de mimo e aplauso – mas, além disso, o assento almofadado da cadeira sabe melhor do que as tábuas onde, à sexta à noite, sacrifico, há mais de uma década, o meu pobre rabo... Agora, porém, que estou no palco para os meus dez minutos de fama, o que realmente queria era estar aí, poupada aos nervos, às luzes e ao medo do fracasso – até porque, assim que pus os olhos no tema desta mesa, a única coisa que me ocorreu foi espirrar. Não, não se trata de uma metáfora: sou alérgica às flores (mas nem por isso se pense que arranquei desse país todos os cravos) e pareceu-me uma inconsciência vir aqui partilhar convosco umas fungadelas. Ainda para mais, nunca tive vocação para o circo nem talentos escondidos, e as únicas funções que desempenho com um mínimo de proficiência – ler e escrever – são as que quase todos os Portugueses hoje dominam; não traço duas paralelas que não se encontrem num lugar qualquer, fui sempre um zero a Matemática, uma nódoa na cozinha (bastam os 50 e tal quilos do meu marido para o confirmar), tive de esperar pelos 40 para passar no exame de condução e, mesmo nas coisas do amor, só com o patrocínio das Correntes d'Escritas – que é uma excelente agência matrimonial disfarçada de encontro de escritores – consegui que alguém se casasse comigo... e aos 45 anos. Para piorar as coisas,

aprendi com o escritor Mário de Carvalho que improvisar é para os canários e quem me conhece bem sabe que, quando tenho de falar em público, é como se me espetassem um cravo na garganta – este, graças a Deus, sem pólen.

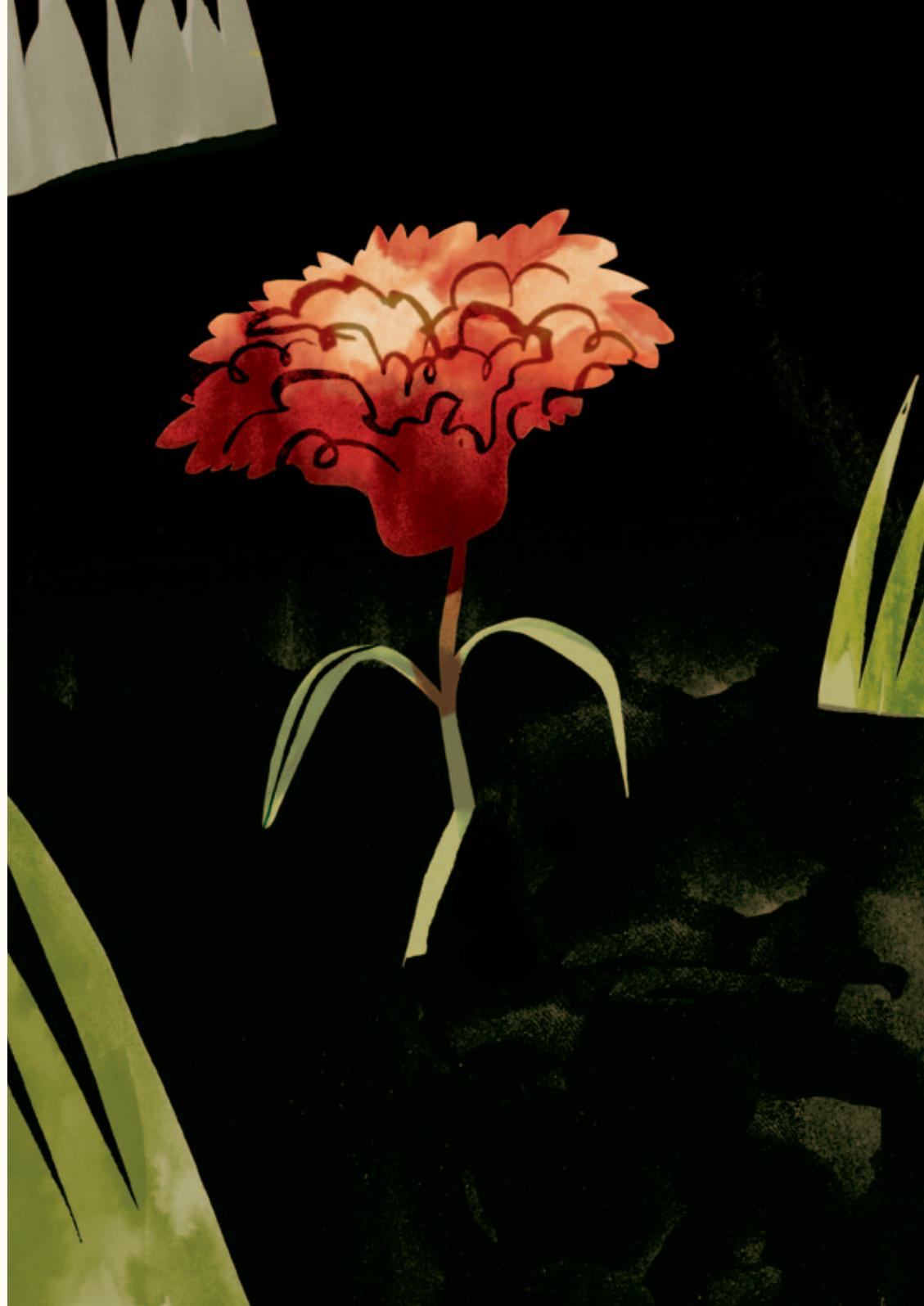
E, no entanto, se só sei ler e escrever e não costumo falar do que não sei (floricultura, por exemplo), o melhor é assumir que, mandando-me a esta mesa, me vêem como uma leitora e escritora respeitada. Reconheço que, por interpostas pessoas – algumas delas aqui a dois passos –, já dei provas suficientes de ler bem. E, quanto à escrita, o nível médio do que hoje se publica é tão baixo que nem passará por fanfarronice dizer-vos que a minha poesia está, de facto, uns degraus acima dessa pornografia para mamãs actualmente em voga. Talvez então – mais que não seja para aproveitar ter o traseiro bem acomodado – valha a pena contar-vos como foi que me tornei esta leitora e esta escritora – e o que têm os cravos a ver com isso.

Peço-vos que imaginem um retrato de família com cravos ao fundo. Estamos em finais dos anos 60 e, tal como o Portugal onde foi tirado, o retrato é em tons de cinzento. Os cravos, não, são vermelhos, obviamente arrancados desse país; e, numa montagem precursora do Photoshop, postos ali na década seguinte – e ao fundo, para ninguém espirrar, até porque a rinite alérgica é hereditária.

Nesta família todos são leitores – uns consolidados, outros ainda esporádicos, os demais futuros. E, embora a placidez da fotografia não o revele, trata-se de um grupo bastante histriónico, em que todos falam ao mesmo tempo e exclusivamente para se ouvirem – ainda hoje, nos jantares semanais, é raríssimo os que vieram depois, genro

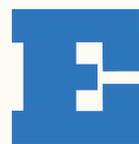
e noras, conseguirem abrir a boca; e, se acaso o logram, é garantido que nunca completam a história que começam. Mas não nos adiantemos: no retrato, perfilam-se um pai, uma mãe e quatro filhos: dois casalinhos, como, antes da pílula, acontecia nos anúncios de televisão, coisa, aliás, recente no lar destas pessoas, que é uma casa onde se pode andar de triciclo no corredor, há várias estantes com livros – alguns franceses, que é donde parecem soprar os ventos da civilização – e se vive bem (alguém diria hoje «acima das possibilidades»), melhor, em todo o caso, do que a larga maioria que se arrasta pelas ruas da capital. No canto inferior direito do retrato, franze os olhos para o clarão do *flash* a criatura que nasceu por último e luta há nove anos, sem sucesso, por direito de antena: sei que não é fácil reconhecer-me – o tempo é cruel –, mas sou mesmo eu, que comecei a alinhar uns versos num caderno pautado para ver se me davam alguma atenção. A atenção (ou a falta dela) é, de resto, determinante nesta história, porque a família do retrato é muito beijoqueira, mas pouco implicada: perdoa os erros só para não ter a maçada de repreender e passa facilmente por moderna e permissiva quando, no fundo, é apenas *nonchallante*.

No lado esquerdo do sofá, está sentado o pai: filho de uma católica fervorosa que odiava a República mas votaria militantemente em Mário Soares quando arrancaram desse país todos os cravos, é agnóstico e a figura que todos os outros miúdos invejam, porque tem a idade emocional dos filhos e, ao mesmo tempo, nunca os trata como crianças. Joga às cartas connosco e ganha-nos sempre. Se, por acaso, alguém lhe diz para nos deixar levar a melhor de vez quando, responde, contrafeito: «Mas eu não consigo ganhar a mais ninguém...»



Quando lhe pedimos desenhos, ora traça uns rabos a fazerem cocó para um penico que nos deixam perdidos de riso, ora, já sem paciência, risca uns bichos irreconhecíveis; mas, se perguntamos de que animal se trata, despacha a coisa nestes termos: «É um rato filho de um cão.» É também um liberal (nunca impõe restrições ao número de bolos e gelados, mas não acode a vómitos e diarreias); um mulherengo (leva-nos com ele à piscina, mas pede que não lhe chamemos pai); um intelectual (lê-nos as redacções da Guidinha, de Sttau Monteiro, crente de que alguma coisa há-de ficar); e um boémio (chega a casa todos os dias de madrugada e quase nunca o vemos). Aliás, já muito farta dessas noitadas, a minha mãe (que, no retrato, está sentada do lado direito do sofá) deixa-o entrar uma noite no quarto em bicos de pés, despir-se às escuras e meter-se na cama com muito jeitinho; e, quando ele pensa que não foi notado, acende então a luz, olha-o nos olhos e volta a apagar a luz. Quando ele indaga porque fez aquilo, ela responde-lhe em tom de desafio: «Era só para ver se eras tu.» Desta senhora espirituosa, que faz tudo a nove, importa referir que se trata de alguém completamente distraído, o que diverte e desestabiliza em doses iguais. Arranca, por exemplo, com o seu *Cortina* azul-escuro antes de termos tido tempo de entrar e só repara que nos deixou à porta da escola quando fala para o ar e não há réplica; habituada, de resto, a andar de carro, quando vai a pé cumpre escrupulosamente os sinais de trânsito e não entra em ruas de sentido proibido, dando voltas connosco pela mão até alcançar o destino e chegando ao cúmulo de, numa esquina, parar e acenar ao polícia sinaleiro para que a deixe virar à direita... Num funeral, porque os cravos que o morto tinha no caixão (certamente arrancados deste país) pareciam chochos, desencantou algures um borrifador e, perdida num qualquer pensamento, em menos de nada deixou o falecido ensopado. Apalpou o actor Vítor de Sousa numa loja de roupa, pensando tratar-se de um

manequim (explicou depois que estava a ver se a fazenda do casaco picava); e, entre outras (muitas) cenas, chocou sem querer com um homem na rua e, sentindo um peso súbito no braço, perguntou-se porque teria trazido guarda-chuva num dia de Verão. Só depois de olhar para trás, percebeu que ficara com a bengala de um cego...



Estas duas figuras bizarras produziram um quarteto variado: 1. O meu irmão mais velho (no retrato, sentado ao lado da mãe) que, na pré-primária, trocou um carrinho por um fio de ouro com um colega – e hoje é advogado. Está tudo dito. 2. A minha irmã (sentada ao lado do pai na fotografia), que se despia constantemente só para poder lavar a própria roupa e encerou duas divisões da casa com a ajuda de um papel amachucado e um tinteiro Parker; a mesma ¹⁵ que, com pouco mais de três anos, quando ouviu chorar o bebé da casa (graças a Deus, ainda não era eu), o arrancou do berço, mas, não podendo com ele, o deixou cair ao chão, empurrando-o depois com o pé para debaixo da cama. Teria dado, apesar de tudo, uma boa dona de casa e uma boa mãe. Em vez disso, tirou um curso e é uma desempregada de longa duração. Está tudo dito. 3. O meu irmão mais novo (em primeiro plano, ao meu lado no retrato) que, talvez por causa da queda – que ordenou o que seria geneticamente desordenado –, era o ajuizado da família. Um dia voltou da escola e disse à minha mãe: «Tens de me dar um lenço de assoar, porque eu hoje tirei um macaco do nariz e, como não tinha onde o pôr, pu-lo outra vez no nariz.» Já foi secretário de Estado da Educação. Está tudo dito. E, por fim, 4. Eu, aquela a quem haviam chamado «terrorista» até entrar na escola, mas que, à data em que o retrato foi tirado – enquanto Amália cantava alegremente os craveiros numa água-furtada –, descobrira a

palavra escrita como arma para se fazer ouvir e os livros não vigiados como munições para dar resposta às suas dúvidas, que eram muitas. Por exemplo, com a altura ridícula de 1,27 m (pelo menos, era o que dizia o BI), no exame da quarta classe, acabadinho de fazer numa sala onde havia um grande retrato de Marcello Caetano, o presidente do júri perguntou-lhe à queima-roupa quais eram os seus deveres para com a Pátria. Ficaria anos a remoer nessa questão. Mas outras surgiriam, bem mais incómodas, sobre as quais ninguém se dignava esclarecê-la: porque tinha dia certo para comer lá em casa uma pobre cheia de filhos, herdada da geração anterior como as alergias, e se isso significava que passavam fome o resto da semana? Porque sonhava tanto com uma carta de chamada da Suíça a empregada a quem se afeiçoara como a uma segunda mãe? Porque não ia à escola – embora cometesse a proeza de recitar o alfabeto inteiro em arrotos – o miúdo que entregava as mercearias à nossa porta? Porque fora preso não-sei-quem que não tinha roubado nada e qual era o mal de falar no assunto? Porque se usava a palavra «cabrão» para insultar se o dicionário dizia que era apenas uma «cabra grande»? Porque havia polícias com cães tantas vezes à porta do Instituto Superior Técnico à hora a que regressava a casa, se só lá havia professores e alunos?

Eis, pois, como tudo começou – lamber feridas, tirar dúvidas e fazer descobertas; e como o alheamento de uns pais fantásticos que todos os manuais de Psicologia hoje crucificariam foi, afinal, providencial para que eu descobrisse a minha vocação de leitora e escritora. E, porém, não fossem os cravos todos arrancados desse país uns anos mais tarde, para serem metidos em espingardas que não dispararam um tiro e lapelas de quem nem casaco tinha, corria-se ainda o risco de, no meio um pouco betinho em que estava inserida, eu ter

acabado casada com um tecnocrata desinteressante (mesmo que eu já tenha confessado que era um caso perdido) e, no máximo, fazer um curso de turismo ou secretariado, que era o que tiravam as meninas da escola que eu frequentava. Ainda por cima, o intelectual-mulherengo da casa, vulgo pai, fora-se embora porque encontrara, entretanto, uma mulher muito mais nova com quem se casara; e, embora viesse visitar-nos com frequência, fizera desviar o foco de atenção da minha mãe dele para os filhos, pondo-a a pensar seriamente nas garantias que um casamento estável oferecia ao meu futuro. Foi, pois, uma sorte essa revolução sem sangue que me levou, como um macaquinho de imitação, à porta do Ministério da Educação aos catorze anos para gritar «Saneamento!» (acho que nem sabia bem o que aquilo queria dizer) e, aos dezassete, já mais informada, a uma universidade que virou do avesso a minha vida. Aliás, no dia em que me fui matricular, estendia-se a toda a largura do átrio principal da faculdade uma faixa de pano onde se lia: «Morte ao Tomás!» – o antigo presidente da República ameaçava regressar do Brasil, onde estava exilado, e os estudantes de Letras, como muitos outros, não o queriam de volta. Ora, não me perguntem porquê, mas foi no instante que li essa frase – Morte ao Tomás! – que percebi que ia poder finalmente sair da redoma em que fora criada e conhecer o outro lado mundo, aquele em que se lia, se escrevia e se podia dizer não. E pareceu-me que, a partir daí, essas três coisas bem podiam ser os meus deveres para com a pátria.

E por isso que aqui estou hoje. Mas, entre esses dois momentos, aconteceu muita coisa: o meu pai voltou para casa porque a mulher mais nova o achou um velho ao fim de dez anos; chegou durante umas férias da minha mãe, de malas e bagagens, explicando simplesmente que não gostava de viver sozinho. Dissemos-lhe que a dona da casa teria certamente uma palavra a dizer; mas, quando a

minha mãe regressou e o viu, pensou que estava apenas de visita e perguntou-lhe: «Olá, Luís, como é que vais?» E ele respondeu: «Não vou, fico.» E ficou. Ainda tentou uma reconciliação, mas a minha mãe tornou imediatamente claro que não dormia com homens casados. Viveram, assim, em quartos separados até à morte dele, no primeiro ano em que vim às Correntes; e, porque foi nas Correntes que encontrei marido, pareceu-me bem homenageá-los nesta sessão.

A minha mãe, que começou a fumar aos 15 anos, deixou aos 85, dizendo, com toda a cara de pau, que achava que o tabaco lhe podia fazer mal... Porém, se largou esse vício, aos 88 continua ter o da leitura; e, porque acha que lhe vêm parar às mãos livros cada vez piores, eu tento alimentar a sua fome de literatura publicando outros. E, mesmo que agora baste comprar um curso para se chegar a ministro, mesmo que os pobres estejam a voltar às ruas de um Portugal cada vez mais cinzento, mesmo que os nossos jovens sonhem com cartas de chamada do Rio de Janeiro e de Luanda para poderem trabalhar, mesmo que os jornalistas sejam dispensados quando afrontam o poder e esse poder queira arrancar definitivamente deste país todos os cravos, essa miúda que franzia os olhos ao clarão do *flash*, por muito que lhe custe, enfrenta as luzes desta sala e promete que, enquanto a deixarem, há-de cumprir os seus deveres para com a Pátria: ler, escrever e dizer não.

Obrigada a todos. ■



c o r r e n t e s d ' e s c r i t a s

Nos bastidores das Correntes d'Escritas

SARA FIGUEIREDO COSTA

São os rostos mais visíveis das Correntes d'Escritas, o encontro que há catorze anos leva à Póvoa de Varzim escritores dos vários pontos do globo onde se fala português, castelhano ou outras línguas ibéricas.

Urbano Tavares Rodrigues na sua máquina de escrever

Luís Diamantino é vereador da Câmara Municipal da Póvoa de Varzim e está nas Correntes desde o início. Na verdade, foi um dos seus impulsionadores, naquele momento em que sonhos pessoais e possibilidades institucionais se juntaram, e dizer que é o representante camarário responsável pelas Correntes pode ser enganador, porque o seu papel durante os dias do evento passa também pelo contacto pessoal com os participantes e percebe-se que essa vertente não é cumprida como se de trabalho se tratasse, mas antes com a satisfação de quem recebe convidados num espaço que é também a sua casa.

Manuela Ribeiro é a primeira pessoa com quem se fala assim que as Correntes começam a dar sinal de vida. Energia inesgotável, eficiência constante e uma disponibilidade desarmante para conhecer e partilhar momentos com quem passa pela Póvoa nos dias mais agitados do ano são características que toda a gente lhe reconhece. Está na organização das Correntes d'Escritas desde o primeiro momento e já não há quem consiga imaginar o evento sem a sua presença.

Num momento mais calmo da última edição das Correntes d'Escritas, ambos falaram com a *Blimunda* sobre como tem sido realizar o festival literário mais cobiçado de Portugal. E o vereador da cultura da Câmara da Póvoa de Varzim conta como tudo começou, há catorze anos: «Como professor de literatura, desejava criar um evento ligado ao livro e à escrita. A oportunidade apareceu e não hesitei. Ainda bem para a promoção do livro e da leitura. Ainda bem para a Póvoa de Varzim e para a região, pois não há melhor veículo de promoção turística que a cultura.»

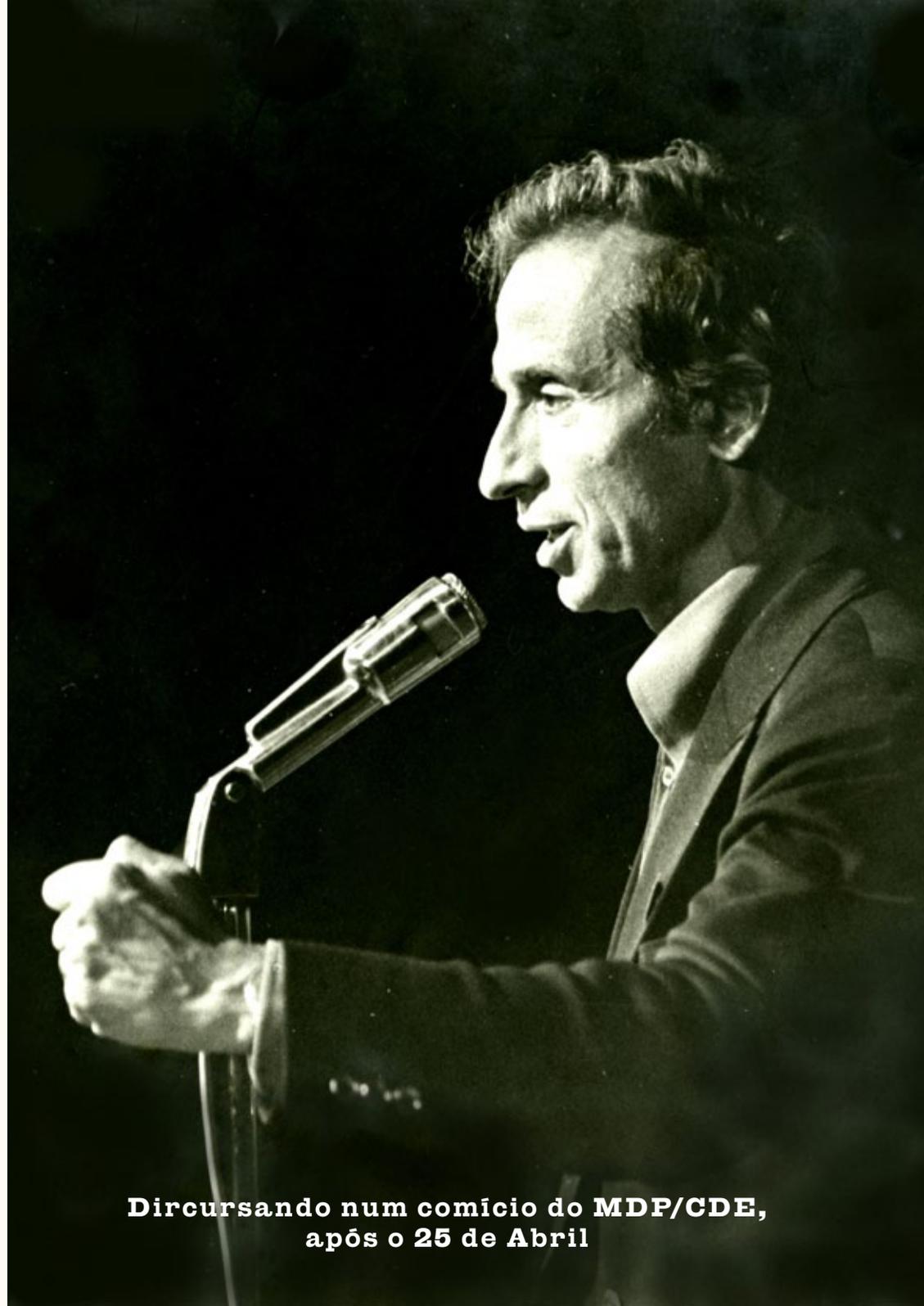
E Manuela Ribeiro conta assim a sua chegada às Correntes: «Já estava na Câmara há algum tempo e quando surgiu a ideia de avançar com um encontro de escritores, que era uma vontade antiga da Câmara Municipal, eu fiquei. Na altura em que surge o projecto, imediatamente se achou que podia ser esta a possibilidade de irmos por onde queríamos ir. Digamos que estou na génese desta iniciativa, sim. Na altura o Francisco Guedes tinha os contactos, e a ideia era dele, mas a experiência de organizar uma iniciativa deste género era nova para todos nós. Apesar disso, eu já tinha a experiência de organizar outras coisas e achei que podia usar essa experiência, adaptando-a às especificidades.» Catorze anos passados sobre esse início, a organizadora continua a ser a pessoa que toda a gente procura antes das Correntes d'Escritas, para acertar todos os pormenores, durante, para saber tudo o que se passa ou vai passar, e depois, para o balanço inevitável ou para alguma troca de ideias sobre o que se passou. «Eu costumo ver-me como uma espécie de central de informações, mas depois o que faço é distribuir essas informações. Talvez eu seja uma boa distribuidora de informações. As CE constroem-se como um guião e à medida que o tempo vai passando é preciso ir preenchendo esse guião. Claro que quem faz esse trabalho sabe sempre onde fica cada fala e será por isso que parece que eu sei tudo. Mas o que eu faço é distribuir a informação a uma equipa, e uma equipa fantástica, composta por pessoas que têm gosto em estar aqui e que já se conhecem há vários anos.»

Luís Diamantino também não poupa elogios aos vários intervenientes na organização: «É com orgulho que trabalho com a equipa que vem realizando as Correntes. O segredo

correntes d'escritas

está no prazer que sentimos e nas cumplicidades que semeamos em todos que vêm à Póvoa de Varzim.» É um político que fala, pensarão os mais cépticos, mas quem passa pela Póvoa durante os três dias do evento pode confirmar o entusiasmo e a cunplicidade referidos pelo vereador, confirmando igualmente a dedicação dos voluntários que se juntam à equipa pela oportunidade de ganharem uma nova experiência e sobretudo pela vontade de fazerem parte de um evento que, sendo iniciativa de uma Câmara Municipal, não deixa de ser sentido como uma realização colectiva.

A grande unanimidade que se tem formado à volta das Correntes d'Escritas e da sua importância no contexto literário de expressão portuguesa, castelhana e de outras expressões linguísticas ibéricas não é, no entanto, imune a críticas, nomeadamente sobre os escritores que participam e, mais importante ainda, sobre os que não participam. Perguntámos, por isso, a Manuela Ribeiro como se fazem as escolhas dos escritores para cada edição do festival. «Como em todas as outras situações da vida, quem organiza tem o direito de escolher e nunca poderá escolher toda a gente. Ora, nós organizamos isto, portanto podemos pensar em quem queremos ter cá, nomeadamente pensando no bom funcionamento das mesas. A organização tem de pensar na sua própria estratégia.» E os editores, por que é que alguns estão sempre presentes e outros nunca aparecem? «Nunca houve nenhum editor que não pudesse vir e todo e qualquer editor pode dar sugestões. Também nunca houve nenhum editor que dissesse que queria vir às Correntes e que tenha sido impedido; basta que informe a or-



**Dircursando num comício do MDP/CDE,
após o 25 de Abril**

ganização de que vai estar presente e nós dar-lhe-emos o tratamento que damos a todos os outros editores. Claro, não podemos assumir as despesas com os editores, por isso posso perceber que às vezes seja difícil para alguns estarem presentes. Mas continuam a estar cá muitos editores, inclusive de editoras pequenas. Este ano, por exemplo, temos a Deriva, a Abysmo, o Clube do Autor...» E recebem muitas propostas de editoras? «Algumas, e todas têm resposta. E sempre houve muitas editoras pequenas a apresentarem aqui os seus livros e escritores.» Não há, por isso, caminhos vedados, basta querer estar presente e contactar a organização.

Uma das vertentes menos mediáticas das Correntes d'Escritas é a presença dos escritores nas escolas do concelho e arredores. O público que enche o auditório quase sempre esgotado para as sessões com os autores talvez não saiba, mas a disputa de lugares não é tarefa que preocupe os estudantes que têm a oportunidade de receber os escritores e que ainda gozam do privilégio de uma conversa mais próxima. Para Luís Diamantino, essa é uma tarefa essencial do evento, pensando no presente e no futuro: «A ida dos escritores às escolas do concelho é fundamental dentro do espírito de semear para colher mais tarde. De facto, de ano para ano vamos sentindo dificuldades em acomodar 500 pessoas no auditório municipal e tal deve-se com certeza a muitos dos alunos que foram tocados pelas Correntes. Também não é por acaso que este ano teremos escolas de Apúlia, Vila do Conde, Santa Maria da Feira e Porto.» Quanto ao auditório, o problema do espaço prece estar resolvi-

do: na sessão de encerramento das Correntes, Luís Diamantino anunciou a mudança do evento, já no próximo ano, para o Teatro Municipal, entretanto restaurado e com muito mais espaço disponível.

Para lá do programa oficial, com as mesas de debates, as apresentações de livros, as sessões de leitura, teatro ou cinema e as idas dos escritores às escolas, uma parte importante do património das Correntes d'Escritas parece passar pelos afectos. Quem chega à Póvoa pela primeira vez pode mesmo pensar que o evento se organiza apenas com amigos, o que seria estranho tendo em conta a projecção nacional e internacional que este encontro já alcançou. Conversando com os organizadores, percebe-se que o processo é cronologicamente inverso: os convidados começaram por ser apenas convidados, mas com o passar do tempo criaram-se laços que acabaram por estender-se a quem chega pela primeira vez, o que cria um ambiente de intimidade e franqueza que raramente se repete noutros espaços, ainda que se reúnam as mesmas pessoas. Diz Manuela Ribeiro: «Eu não conhecia ninguém pessoalmente quando comecei a trabalhar nas Correntes, não. E assisti ao crescimento de escritores, ao surgimento de alguns, a casamentos que nasceram aqui, como o da Rosário Pedreira com o Manuel Valente, ou o José Manuel Fajardo com a Karla Suárez.» E por mais que este ambiente possa parecer uma festa, não deixa de ser, sobretudo, um espaço de trabalho que permite abrir portas a novos projectos, quer para autores, quer para editores: «Basta ver as pessoas que foram traduzidas noutros países por causa das Correntes, e por causa do trabalho de pessoas como o Michael Kegler, que está cá todos os anos, ou os autores que começaram a ser agenciados pela Nicole Witt porque se conheceram aqui.»

Ao fim de catorze anos, o manancial de histórias vividas pelos organizadores das Correntes d'Escritas é imenso. Manuela Ribeiro destaca uma, logo no primeiro ano: «Convidámos o João Ubaldo Ribeiro, que disse logo que sim quando foi convidado pessoalmente, pelo Francisco Guedes, na Feira do Livro de Lisboa, mas depois enviou um fax através do editor a dizer que afinal não podia vir. Quando recebemos o fax, passou-me pela cabeça que podíamos fazer de conta que não tínhamos recebido nada e mandar-lhe um e-mail a agradecer o facto de ele ter aceite e a dizer que lhe enviaríamos o bilhete de avião. E tentei. Não era mentira que estivéssemos muito contentes, o que não queríamos era aceitar a ideia de ele não vir. Foi um bocado aquela coisa da primeira vez, porque era mesmo importante que o João Ubaldo Ribeiro estivesse cá. E quando recebi uma resposta dele, percebi que tinha corrido bem, porque ele dizia qualquer coisa como 'por amor de Deus, não me mande é ir buscar o bilhete ao aeroporto'. Agarrei logo no telefone, falei com a agência de viagens e disse que queria um bilhete de avião com aquele nome, mas que o bilhete tinha de ser entregue em casa do escritor. E quando dei a morada, disseram-me da agência que a sucursal no Rio de Janeiro era precisamente na rua onde morava o João Ubaldo Ribeiro. E no dia seguinte o bilhete estava lá. Foi o único autor, em 14 anos, que eu fui buscar pessoalmente ao aeroporto, porque foi uma conquista.» E de conquista em conquista, pela Póvoa já passaram os autores mais variados, alguns pouco dados a apresentações públicas, como Rubem Fonseca, outros atarefados com agendas sobrecarregadas, mas ainda assim disponíveis para en-

contrarem o tempo necessário para um ou dois dias na Póvoa, como Eduardo Lourenço. Muitos tornaram-se presença habitual, como Onésimo Teotónio de Almeida, Inês Pedrosa, Luís Sepúlveda ou Manuel Rui, para além dos que já partiram, como Lêdo Ivo ou Manuel António Pina, homenageados este ano. De ano para ano, a equipa que organiza as Correntes continua a pôr de pé aquele que é o mais importante festival literário da Península Ibérica, contrariando obstáculos financeiros a que ninguém é imune. «As dificuldades combatem-se com perseverança. Não podemos deixar cair os braços. Devemos procurar parcerias, mas para isso podemos contar com a imagem de marca das Correntes, que já é um evento de promoção das marcas que a acompanham», diz Luís Diamantino, num ano em que grande parte do orçamento do evento foi assegurado por parcerias e patrocínios. Para o ano, a Póvoa prepara-se para os quinze anos do seu festival, número redondo a confirmar a solidez de um projecto que continua a ser o grande ponto de encontro da literatura em línguas de expressão ibérica. Que a crise não nos leve mais isso é tudo o que se deseja. ■

infantile juvenil

**André
Brites**

1913 | 2013

Março é mês de poesia, de primavera e de Arboles. É mês de Ilse Losa, quando se comemora o centenário do seu nascimento, nas palavras de quem a estuda e conheceu, como o escritor Álvaro Magalhães, Manuela Bacelar, que ilustrou muitos dos seus livros, José António Gomes e Ana Cristina Vasconcelos. Pelas palavras da própria Ilse Losa, no artigo «A linguagem na literatura infantil», publicado na revista Vértice em dezembro de 1948, percorremos a história e reconhecemos o presente, ainda. Neste mês em que a natureza parece renascer, uma livraria infantil ganhou rodas e caminhos, ao encontro de leitores que buscam livros, mesmo que não saibam.



ILSE LOSA, UMA VOZ INOVADORA

José António Gomes

Professor Coordenador da Escola Superior de Educação do Porto

De origem alemã e ascendência judaica, Ilse Liebllich Losa nasceu em 1913, em Melle-Buer, uma pequena povoação próxima de Osnabrück e de Hanover, e morreu no Porto, em 2006. Tendo vivido a primeira infância com os avós paternos, frequentou o liceu em Osnabrück e Hildesheim e o Instituto Comercial em Hanover. Ao regressar à Alemanha, após um período em Londres tomando conta de crianças, vê-se obrigada a abandonar de novo o país, em virtude da sua condição de judia e da perseguição iminente. Motivo: a apreensão pela Gestapo de uma carta sua em que eram tecidas críticas a Adolf Hitler.

Chegada a Portugal em 1934 (Hitler é nomeado Chanceler em janeiro de 1933), radica-se no Porto, casando em 1935 com Arménio Losa – figura de relevo da arquitetura modernista portuense e da oposição antifascista – e adquirindo a nacionalidade portuguesa. Desse casamento nasceriam Margarida Liebllich Losa (1943-1999), professora universitária, ensaísta e poeta, e Alexandra Liebllich Losa, professora de desenho e educação visual no



ensino secundário, que viria a ilustrar um dos livros da mãe: a edição de 1965 de *Um artista chamado Duque* (que incluía também «*Faísca conta a sua história*» e «*Mosquito e o senhor Pechincha*», mais tarde intitulado apenas «*O senhor Pechincha*»). Durante vários anos até à sua morte, habitou Ilse Losa um andar na zona da Pasteleira, no Porto, mantendo uma casa de férias em Esposende (projeto da autoria do marido), cidade costeira que inspirará cenários de alguns dos seus livros infantis, como *O senhor Pechincha*.

Em finais da década de quarenta do século XX, e de início quase só por razões terapêuticas, enceta uma vasta obra escrita em português, a qual abrange romances inspirados, ou pelo menos enraizados, na sua experiência de vida – como *O mundo em que vivi*, 1949, *Rio sem ponte*, 1952, *Sob céus estranhos*, 1962 (vívido retrato, também, do Porto dos anos trinta e quarenta) –, além de poemas em prosa (*Grades brancas*, 1951), contos, crónicas, trabalhos de índole pedagógica (*Nós e a criança*, 1954) e sobretudo literatura para os mais jovens. Traduziu para português autores alemães (irmãos Grimm, Anne Frank, Thomas Mann, Brecht, Erich Kästner, Anna Seghers...), colaborou em diversos jornais e revistas e foi também uma divulgadora da literatura portuguesa na Alemanha, onde alguns dos seus romances para adultos também foram traduzidos e publicados. Em 1982, pelo livro *Na Quinta das Cerejeiras*, recebeu o Prémio Gulbenkian de Literatura para Crianças e, em 1984, o Grande Prémio Gulbenkian, pelo conjunto da sua obra para a infância. Foi distinguida, em 1998, com o Grande Prémio de Crónica, da Associação Portuguesa de



Escritores, pela obra *À flor do tempo* (1997). É de referir ainda que *O quadro roubado* foi incluído em *The White Ravens – 87: A Selection of International Children’s and Youth Literature* (da Biblioteca da Juventude de Munique) e adaptado em episódios para televisão por António Torrado. Pelas conhecidas ilustrações a óleo de Manuela Bacelar para a segunda edição de *Silka* (Afrontamento, 1989), a obra receberia a Maçã de Ouro da Bienal Internacional de Bratislava, e em 1990, o Prémio Gulbenkian de Literatura para Crianças (ilustração).

Revelando permanente abertura à diversidade ideotemática, de géneros e estética que deve caracterizar a produção literária para crianças – posição que defendeu em algumas das suas crónicas –, Ilse Losa contribuiu, com os seus contos, recontos de histórias tradicionais e peças de teatro (por exemplo *A adivinha: peça em quatro quadros*, 1.^a ed.: 1967; 2.^a ed. refundida: 1979), mas também com as suas traduções e atividade editorial, para a renovação da literatura portuguesa para crianças, enveredando muitas vezes por uma via «realista», de acentuada envolvimento social, mesmo quando a voz que narra é a de um animal antropomorfizado, como sucede em *Faísca conta a sua história* (1949) – e há, em Ilse Losa, um manifesto afeto pelos animais, em especial pelos cães, como a sua obra evidencia. Por esta via, é possível aproximar alguns dos seus primeiros livros e mesmo outros publicados já depois do 25 de abril de 1974 de uma linha que, a partir de 1949, se desenha na escrita portuguesa para os mais novos e a que não

foi alheia a corrente neorrealista. Além da atenção que, nas suas ficções, deram à infância Alves Redol, Manuel da Fonseca, Soeiro Pereira Gomes e outros, são de referir nomes de escritores que, de modo assumido, produziram narrativa ou poesia de destinatário infantil, como o próprio Redol, José Gomes Ferreira, Sidónio Muralha e Papiniano Carlos, bem como certas vozes em cuja escrita ainda se detetam ecos do neorrealismo – casos de Matilde Rosa Araújo ou Maria Rosa Colaço.

Mas Ilse Losa imbuíu também a sua ficção de dilemas morais e espírito crítico, sonho e sentido de esperança, numa escrita coloquial e despojada, pontuada contudo por expressivas comparações e prosopopeias e marcada por um uso rigoroso do adjetivo. Uma escrita que soube abrir-se ao maravilhoso, ao humor (v. *Bonifácio*, 1980) e a uma fantasia de cunho onírico (*Viagem com Wish*, 1984), sem nunca se esquivar a temas menos cómodos como a injustiça social, a guerra, a perseguição política e a tortura. Veja-se, a este propósito, «Apesar de tudo», de *A minha melhor história* (1979) – conto inicialmente editado para adultos e só mais tarde dirigido também à infância, tal como outros deste livro – ou ainda *Silka* (1984), que é difícil não ler como parábola focada na questão da intolerância étnica e como dolorida meditação sobre o destino do povo judeu (ainda que tal nunca seja explicitado).

De referir também que Ilse Losa dissertou sobre o livro para crianças e sobre temas pedagógicos em várias das suas crónicas jornalísticas, tendo sido pioneira no ensino da literatu-

ra para a infância no nosso país, na velha Escola do Magistério Primário do Porto. Foi nas décadas de setenta e oitenta do século XX que dirigiu, além do mais, uma histórica e notável coleção de livros infantis – a «ASA Juvenil» –, a qual revelou muitos jovens escritores e ilustradores de então e estimulou o trabalho de outros (António Mota e Álvaro Magalhães, por exemplo).

Várias vezes reeditados até à sua morte e posteriormente, livros de Ilse Losa como *Faisca conta a sua história*, *Um Fidalgo de pernas curtas* (1961), *Um artista chamado Duque* (1965), *O quadro roubado* (1977) (que tira partido de um ou outro elemento do género policial e é magnificamente ilustrado por Jorge Pinheiro), a par de *O senhor Pechincha* (a 1.^a ed. de que temos conhecimento data de 1965, encontrando-se este conto incluído na 2.^a ed. da coletânea *Um Fidalgo de pernas curtas e outras histórias*, com ilustrações de Júlio Resende) e ainda *A minha melhor história* e *Silka* constituem marcos na história da literatura portuguesa para a infância e juventude. O último original para crianças que publicou em vida, *O Rei Rique e outras histórias* (1989; reeditado em 2006 pela Porto Editora), traz-nos cinco contos breves e divertidos, impregnados de fantasia, a que não falta uma crítica fina e atual a certos comportamentos sociais e até a respeitáveis instituições – que foi sempre uma imagem de marca da Autora. Coloquial e discretamente desafiadora, a escrita de Ilse Losa irmana-se nesta última obra com as aguarelas e colagens de um grande pintor, Júlio Resende, que mais do que uma vez iluminou os textos de Ilse e se afirmaria pela sua criatividade na ilustração de livros para crianças.



H

oje, esta Escritora merece sobretudo que bibliotecas e escolas (designadamente as do Porto, cidade que Ilse adotou de certo modo como sua) deem destaque aos livros que nos legou, encontrando modos de continuar a dar a lê-los aos mais novos, mantendo assim esta escrita viva e atuante. É que Ilse Losa foi, a vários títulos, uma voz inovadora e, a partir de 1949, concorreu, de maneira decisiva, para a renovação da literatura portuguesa dirigida aos mais pequenos, introduzindo, por via de uma prosa aparentemente simples mas muito eficaz na sua comunicabilidade, temáticas até então pouco comuns: a desigualdade social e a pobreza em meios urbanos ou rurais, os efeitos da guerra e da perseguição política, os dilemas morais provocados pelas situações de injustiça e, mais tarde, as questões ambientais a par da necessidade de uma intervenção cívica responsável, mesmo por parte dos mais jovens (como se observa em *Beatriz e o plátano*, de 1976). De referir ainda que os traços peculiares da sua prosa, mesmo nos romances, contos, crónicas e poemas em prosa «para adultos», favoreceram a anexação à literatura juvenil de alguns desses textos. Assim aconteceu com o belo romance *O mundo em que vivi* – vívida e dramática recriação ficcional da infância e juventude da Autora na Alemanha e dos episódios que motivaram o seu exílio, relacionados com a ascensão do nazismo e o início da perseguição aos judeus. Ao longo dos anos, tem esta obra sido objeto de atenção pelos programas escolares, tanto no 2.º como no 3.º ciclo do Ensino Básico, sendo com frequência

proposto, e bem, para atividades de leitura extensiva (é gratificante verificar que vários dos seus títulos integram quer as listas do Plano Nacional de Leitura quer a das Metas Curriculares para o Ensino Básico, referente à disciplina de Língua Portuguesa).

I

Ilse Losa foi, ademais, assumida antifascista e democrata, que, a partir de finais dos anos trinta, conviveu com uma notável plêiade de homens e mulheres que dinamizaram – com todas as dificuldades impostas pelo salazarismo – a vida cultural, literária e cívica do Porto entre a década de quarenta e o 25 de abril de 1974. Entre essas mulheres e homens, contam-se Óscar Lopes (que muito apreciava Ilse e sobre ela escreveu), Henrique Alves Costa, Augusto Gomes (que ilustrou a primeira edição de *Fáisca conta a sua história*), Luísa Dacosta, Egito Gonçalves, Papiniano Carlos, Luís Veiga Leitão, António Rebordão Navarro e tantos outros. ■

ERA UMA VEZ... DOIS CÃES NUM PAÍS AÇAIMADO - FAÍSCA E FIDALGO

Ana Cristina Vasconcelos

professora adjunta Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto

Na secção «Rol de livros», da Gulbenkian, podemos ler duas resenhas ao primeiro conto que Ilse Losa dedica, em 1949, aos mais novos – *Faisca conta a sua história* –, e, em ambas, parece haver consenso quanto à «intenção social» – ora velada para Patrícia Joyce ora nítida na apreciação de António Quadros, para quem esta história, «marcando bem a diferença de classes e a injustiça social através do cão que passa da casa pobre à casa rica», é «não aceitável».

Melhor sorte – porque os tempos eram já outros à data do recenseamento – teve a novela infantil publicada inicialmente (1958) de forma autónoma pela Marânus, seguindo-se as edições da Portugália (1961) e da Inova (1973), *Um fidalgo de pernas curtas*,

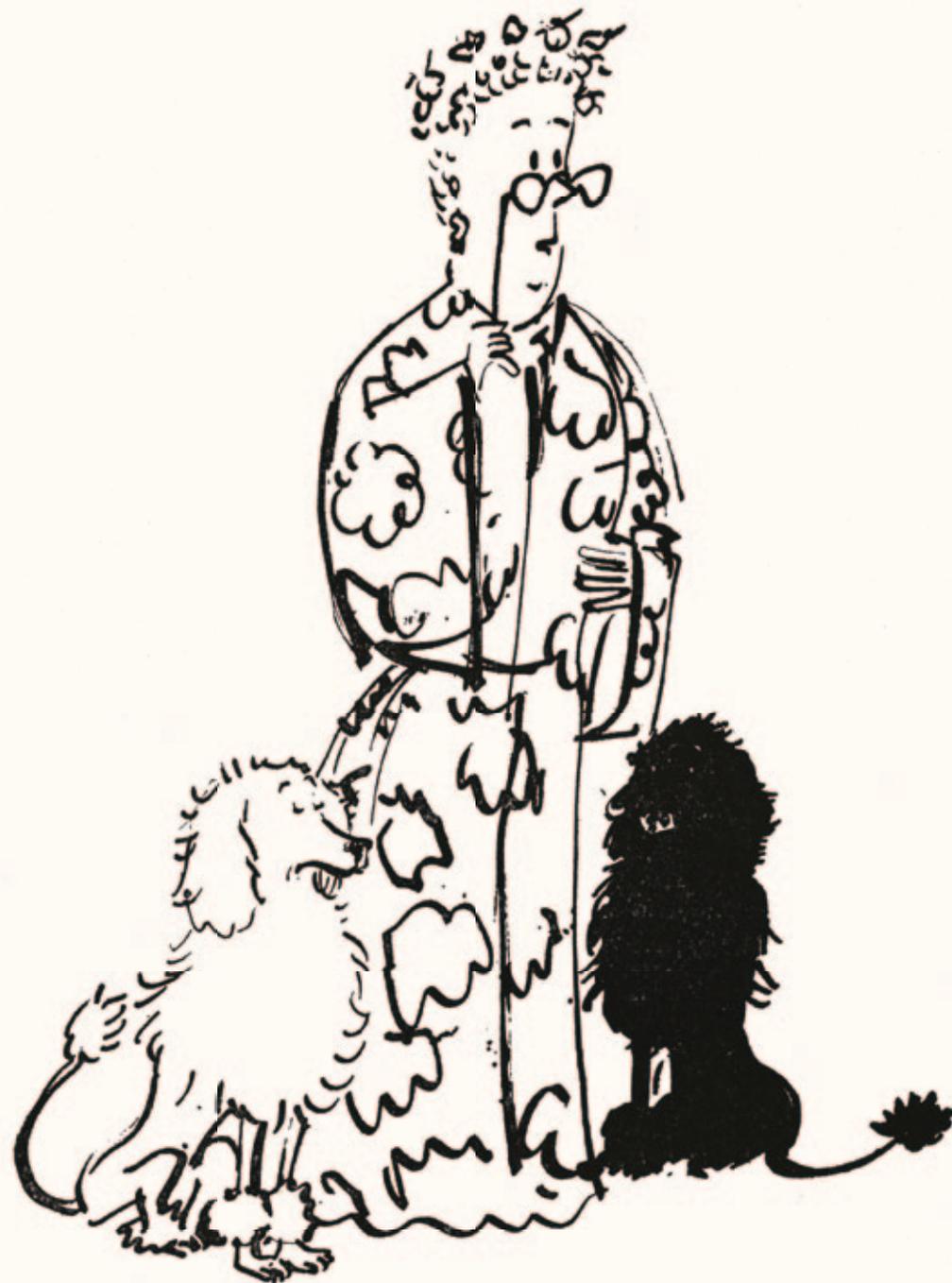


que figura no «Rol de livros» como «recomendável», ainda que, nas palavras de Luís Forjaz Trigueiros, permaneçam também neste texto «inevitáveis analogias sociais (...) e alegorias moralistas, não forçadas (...)», deixando transparecer claras «intenções sociais».

Estes dois livros direcionados para um público leitor infantil e juvenil surgiram no panorama literário português – a par de uma literatura que seguia claramente a linha de produção ideológica do Estado Novo – como palanca na engrenagem que dá voz aos desfavorecidos, que desmascara uma infância e uma sociedade desprotegidas e desiguais – «não recomendável», portanto, à data da sua publicação.

C

om uma diferença de grau no reflexo dessa sociedade desvalida, o primeiro livro de Ilse Losa narra a história de um cão que é vendido por Manuel – um menino pobre que vivia com a mãe numa aldeia do litoral minhoto – a uma menina de Lisboa que, nas palavras do narrador autodiegético, Faísca, «queria tudo o que se podia comprar por dinheiro» (Losa, 1973a: 118). Em *flashback*, Faísca, já velho, conta em duas fases a história da sua vida – quando era cachorro e vivia com o Manuel e a tia Júlia (o pai de Manuel emigrara para o Brasil na esperança de arranjar um trabalho cuja remuneração permitisse à família uma vida mais digna), numa casa onde faltavam os alimentos e se comia todos os dias caldo e broa à luz do único candeeiro de petróleo, que se acendia quando havia combustível, e depois de ter sido vendido a Luísa e de ter ido viver para Lisboa, para uma casa em



que o chão «era mais fofo que o próprio relvado dos campos (...). As mobílias da sala cheiravam a coisas doces. E os candeeiros espalhavam uma luz tão clara como o Sol» (Idem: 120-21). Desde então Faísca nunca mais passou privações e também não voltou a encontrar-se com Manuel. Neste conto, o fosso existente entre duas realidades tão distintas (geográficas, humanas e económicas) é dado a conhecer ao pequeno leitor num díptico narrativo estático do ponto de vista de uma possível e desejável avaliação ética e social, ou seja, as personagens que configuram o primeiro ambiente resignam-se à sua condição de pobres, as que configuram uma burguesia endinheirada são testemunhas insensíveis da miséria em que vivem os primeiros, e Faísca, o fiel amigo de Manuel, confessa, ainda que pesarosamente, que poderia ter-se escapado, durante a viagem, da sala de jantar, e que se não o fez foi unicamente por causa dos ossos e do peixe que lhe deram e que tão bem lhe souberam (Idem: 120). No final desta lembrança, Faísca, em tom de conformidade e apatia, deixa apenas este pensamento: «O Manuel, com certeza, já não anda na escola; a mãe deve precisar dele para os trabalhos no campo. Se calhar ele nunca teve ocasião de sair da aldeia e não chegou ainda a conhecer uma cidade grande. Devia gostar de ver Lisboa com as casas altas, os carros elétricos, os autocarros e as iluminações coloridas. Pobre Manuel! (...)» (Idem: 122).



Em *Um fidalgo de pernas curtas*, o narrador heterodiegético relata as (des)venturas de um Baixote (raça Teckel) que, perdido, foi ter a uma ilha da cidade do Porto onde foi bem rece-

bido por Fernando, mais conhecido por Estrelinhas, um menino pobre que terá entre sete e nove anos de idade. No entanto, este seu pequeno benfeitor não pode mantê-lo e o cão inicia uma longa viagem, de casa abastada em casa abastada, passando pelo Canil Municipal, até regressar à ilha – onde finalmente será acolhido por Estrelinhas e aceite por todos os moradores. Contrariamente ao que sucede em *Faísca conta a sua história*, este narrador não raro faz recair o seu olhar crítico sobre a pobreza e a disparidade que caracterizam as esferas sociais da cidade do Porto dos anos 50, assumindo uma função narrativa rasgadamente ideológica e posicionando-se do lado dos desfavorecidos – dos adultos que, como a mãe de Estrelinhas, vendiam cautelas da lotaria da Santa Casa da Misericórdia, ou como o pai que era engraxador, sendo bem sabido, nas palavras do narrador, que «uma cautela pode render um pedacito de dinheiro ao seu comprador (...) mas nunca ninguém enriqueceu a vender cautelas numa esquina. Uns sapatos, polidos como o vidro de um espelho, dão ao dono prestígio e elegância, mas não impedem que o engraxador mingue de dia para dia» (Losa, 1973b: 35), e das crianças que, como Estrelinhas, «desde os quatro anos de idade [que] ia, de tabuleiro ao pescoço, vender pentes e pentinhos de plástico, esticadores para golas de plástico, e ainda cordões de sapatos e sabonetinhos» (Idem: 35-36) em vez de estarem na escola – é que o direito a uma Educação integral, como agora, não era para todos.

Ao longo de vinte e cinco capítulos, Fidalgo serve de motivo para o narrador modelar literariamente uma sociedade excludente cuja realidade socioeconómica se encontra nos antípodas da desta ilha do Porto. Assim, ao entrarmos, por exemplo, na casa da Sr.^a D. Olímpia – mas também na casa de Miss Butter-

cup ou na do Sr. von Junk, dono dos pais de Tristão –, ficamos a conhecer a outra face de uma realidade estratificada, em que valores como bondade natural, espírito de entreatajuda, vínculos afetivos deixam espaço para o egoísmo, o jogo das aparências, o autoritarismo e o materialismo, como podemos ler numa de várias passagens:

«Visconde mal conseguia respirar. Entrou a Sr.^a D. Olímpia.

– Então, disse, o Visconde [nome então dado ao cão, antes batizado como Tristão por Estrelinhas] já está pronto?

– Visconde não me parece nome próprio para um vadio, disse Xavier com ironia.

– Nesta casa quem resolve como se chama o pessoal e os cães sou eu, respondeu-lhe a senhora severamente.

– Por acaso chamavas-te Xavier quando cá entraste?

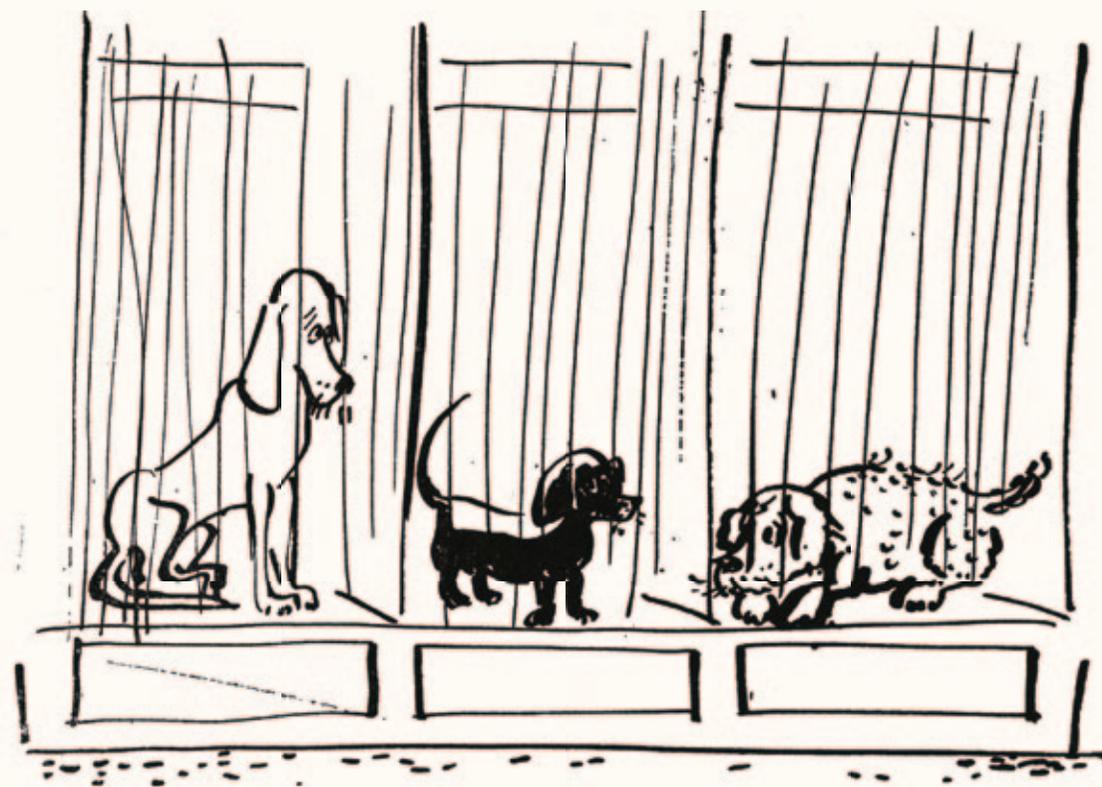
Xavier não gostava que lhe recordassem o passado, por isso se arqueou imediatamente numa mesura serviçal:

– Como a minha Senhora entender» (Idem: 52).

Importa ainda referir, por um lado, que este *fidalgo de pernas curtas* diferencia-se de *Faísca* pela sua não acomodação e cedência face ao conforto das várias casas burguesas por onde passa e pela determinação em regressar à ilha onde esperavam por ele Estrelinhas e os outros moradores prontos a recebê-lo e a dividir consigo afeto e o pouco alimento que colocavam na mesa. Da mesma forma, o final ou o «happy ending» desta novela não se limita a selar a narrativa com o reencontro destas duas perso-



nagens, antes deixa uma mensagem de esperança e de reabilitação da crença de que a sociedade poderá ser mais equitativa – é que, diz o narrador, «o mundo pode dar muitas voltas. Talvez Estrelinhas venha a viver dias melhores, e então poderá comprar um frango para a sua mesa quando lhe apetecer, e dar os ossos a Tristão. Pode ser até que venha a ter uma banheira esmaltada para ele e para o seu amigo... E se nós todos desejássemos que assim fosse?» (Idem: 85). Por outro lado, se em *Faísca conta a sua história* podemos contemplar um quadro familiar isolado e conformado, em *Um fidalgo de pernas curtas* somos testemunhas de uma microestrutura com uma dinâmica social organizada, com vontade e unidade na ação e com uma formação afetiva e moral inquestionáveis, representada, é certo, pelas várias personagens que habitam na ilha, mas muito em particular pela personagem tipificada da Sr.^a Ermelinda que, sendo costureira na casa da Sr.^a D. Olímpia, «viúva rica com duas criadas, um criado e dois ‘caniches’» (Idem: 39) funciona como mola que faz avançar a ação, deixando perceber a capacidade de resposta desta(s) camada(s) sociais que vive(m) à margem da classe dominante. Lembremos a este propósito que a Sr.^a Ermelinda é quem engendra um plano para arranjar uma casa condizente, na sua opinião, com a condição de raça pura do Baixote. Depois de muitas peripécias e de o cão ter fugido da casa da patroa, a Sr. Ermelinda sugere à Sr.^a D. Olímpia procurá-lo no Canil, mas esta diz estar «cheia até aos cabelos daquele palerma» (Idem: 79) e que não se importa que ele morra no Canil, o que deixa a costureira perplexa com a indiferença da patroa e preocupada com a sorte miserável do cão, ao mesmo tempo que indignada e magoada por perceber que o Baixote tinha sido recebido ali como um intruso e que, apesar de ser



de raça pura, «dormia e comia na cozinha, enquanto os outros [os caniches], os penteadinhos, os palhaços, dormiam no quarto da senhora e comiam com ela à mesa» (Idem: 80). Servindo-lhe esta situação de espelho da sua própria condição inferior em casa da patroa, dirige-se ao Canil para resgatar o cão, mas a coima é de trezentos escudos – quantia que a Sr.^a Ermelinda não possui. Decidida a arranjar o dinheiro, regressa à ilha, e empreende numa mobilização social, tendo rapidamente conseguido juntar cento e cinco escudos. Os noventa e cinco escudos que faltavam colocou-os ela, pedindo o restante adiantado a uma das freguesas. Assim, reunidos os esforços, todos conseguiram salvar o cão e fazer uma surpresa a Estrelinhas.

Lançando mão de um estilo expurgado ou, para utilizar uma expressão da Autora, «uma linguagem justa», Ilse Losa não ficou indiferente às realidades sociais que conheceu nem fugiu de temas menos confortáveis, como as perseguições políticas e étnicas ou a morte (veja-se, a título de exemplo, a publicação do conto *A estranha história de uma tília*, na coleção Pássaro Livre, da Livros Horizonte, em 1981, publicado para adultos em *Encontro no outono*, de 1964), mas achou ser seu dever mostrar às crianças leitoras a realidade com as suas alegrias e tristezas, as suas esperanças e desilusões, convidando-as a refletir sobre o mundo, sobre o(s) outro(s) e sobre si mesmas.

Tal como Sophia, também Ilse Losa condenava os adultos que falavam com «as crianças como se estivessem sentados numa cátedra a doutrinar», que «não estabelecem contacto com a alma

infantil e as suas palavras não encontram eco» ou os que falam com «as crianças como se estas fossem ‘tolinhas’» (Losa, 1954: 76). Dizia ainda a Autora que «ao contar coisas da vida real temos de falar na gente pobre e esfomeada» ainda que o nosso desejo «fosse não falar em assuntos desagradáveis. Contudo não devemos dar-lhes uma ideia falsa, não lhes devemos mentir» e que «uma noção clara do que é justo e injusto sòmente [sic] poderá ser-lhes vantajosa» (Idem: 171).

Consciente da sua responsabilidade como escritora na formação das crianças e do papel da leitura na orientação do adolescente, a escrita de Ilse Losa para a infância e a juventude cumpriu pois durante quarenta anos de produção literária uma função importante, a par da fruição da leitura – ser palavra que sugere ação e transformação, palavra que protege e liberta o leitor da alienação. Por tudo isto, permito-me discordar de Patrícia Joyce ao afirmar que «Faísca não merecia uma história», afirmando a necessidade de reabilitar estas leituras, em especial de *Um fidalgo de pernas curtas*, cujo tecido social – o das ilhas – que suporta a narrativa ainda existe como realidade no Porto. ■

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Losa, Ilse (1973a). *Faísca conta a sua história. Um fidalgo de pernas curtas e outras histórias*. Porto: Editorial Inova.
- (1973b). *Um fidalgo de pernas curtas. Um fidalgo de pernas curtas e outras histórias*. Porto: Editorial Inova.
- (1954). *Nós e a criança. Um livro para os pais*. Porto: Porto Editora.

Álvaro Magalhães

Escritor

Não sei se devo o facto de ter dedicado o melhor do meu esforço aos leitores mais jovens à Ilse Losa, mas é muito grande a responsabilidade dela. Nos anos 80, era um jovem que só queria escrever poesia e ser um poeta e ela, vá lá saber-se porquê, insistia em pedir-me para escrever para os mais novos.

Na altura, eu não sabia ainda que a poesia e a literatura dita infantil, pelo menos tal como eu a concebo, não são coisas diferentes, pois têm a mesma natureza. Hoje tenho a radical opinião de que só os poetas deviam ser admitidos à entrada da literatura infantojuvenil. Mas eu só queria falar da Ilse Losa. Além de ser inspiradora enquanto escritora, também dirigia uma coleção na Asa, que foi absolutamente pioneira, e conseguiu pôr-me a escrever para lá «O menino chamado Menino» e, depois, «O Reino Perdido», uma coletânea de poemas, e, depois, «Os três presentes». E a Asa, graças a isso, ainda hoje é a minha editora principal. Quando somos jovens e buscamos ainda a orientação do nosso destino, intervenções como a que a Ilse tinha para comigo, são determinantes. Ela olhava para mim como se visse uma estrela na minha testa, a marcar o meu destino, que era o de continuar a perseguir a poesia, mas através da literatura para os mais novos. E haverá, de facto, sítio melhor para a procurar? ■



A ILSE

Manuela Bacelar

Ilustradora

N

ão posso dizer quando conheci a Ilse.

Vivi em Famalicão até aos 10 anos. Aos 7 fui operada à apendicite numa casa de saúde no Porto e é dessa altura a primeira recordação que tenho da Ilse.

Acordei da anestesia e ao meu lado estavam a minha Mãe e a Ilse.

Depois a minha Mãe teve que sair e ficou a Ilse ao pé de mim. Deve ter-me contado histórias pois eu pedia sempre que mas contassem.

Domingo sim, domingo não, vínhamos ao Porto às sessões do Cine-clube Infantil que tinha sido fundado pela Maria Helena e o Henrique Alves Costa e pelo Arquitecto Mário Bonito entre outros. No Cine-clube sentados no chão em almofadas víamos filmes de animação e filmes de imagem real e brincávamos nos intervalos. Conheci entre outros a Margarida e a Alexandra Losa. Dava-me mais com a Margarida por ser da mesma idade. A Alexandra era mais velha.

Nessa altura a Ilse era para mim a Mãe da Margarida e da Alexandra. A casa da Ilse era a «casa dos Losas» .

Quando viemos para o Porto viver íamos muito à casa dos Losas no Campo Alegre. Era uma casa desenhada pelo Arménio Losa com cave e dois andares. No andar de cima ficavam os quartos e no

Ana-Ana

ilustrações de Manuela Bacelar, Edições ASA, 1987

págs. 38 e 40

Silka

ilustrações de Manuela Bacelar, Edições Afrontamento, 1989



andar de baixo três salas separadas por grandes portas que quando se abriam faziam uma só sala enorme. Em dias de festa as três portas ficavam abertas com uma grande mesa ao meio onde havia as tartes de frutos que a Ilse fazia. Nas traseiras era o quintal ladeado por sebes de framboesas.

Tínhamos um grupo que independentemente de festas de anos, se juntava na casa dos Losas: A Margarida, a Isabel Alves costa e a Ada Vigannó filha de pais italianos a minha irmã Eva e eu.

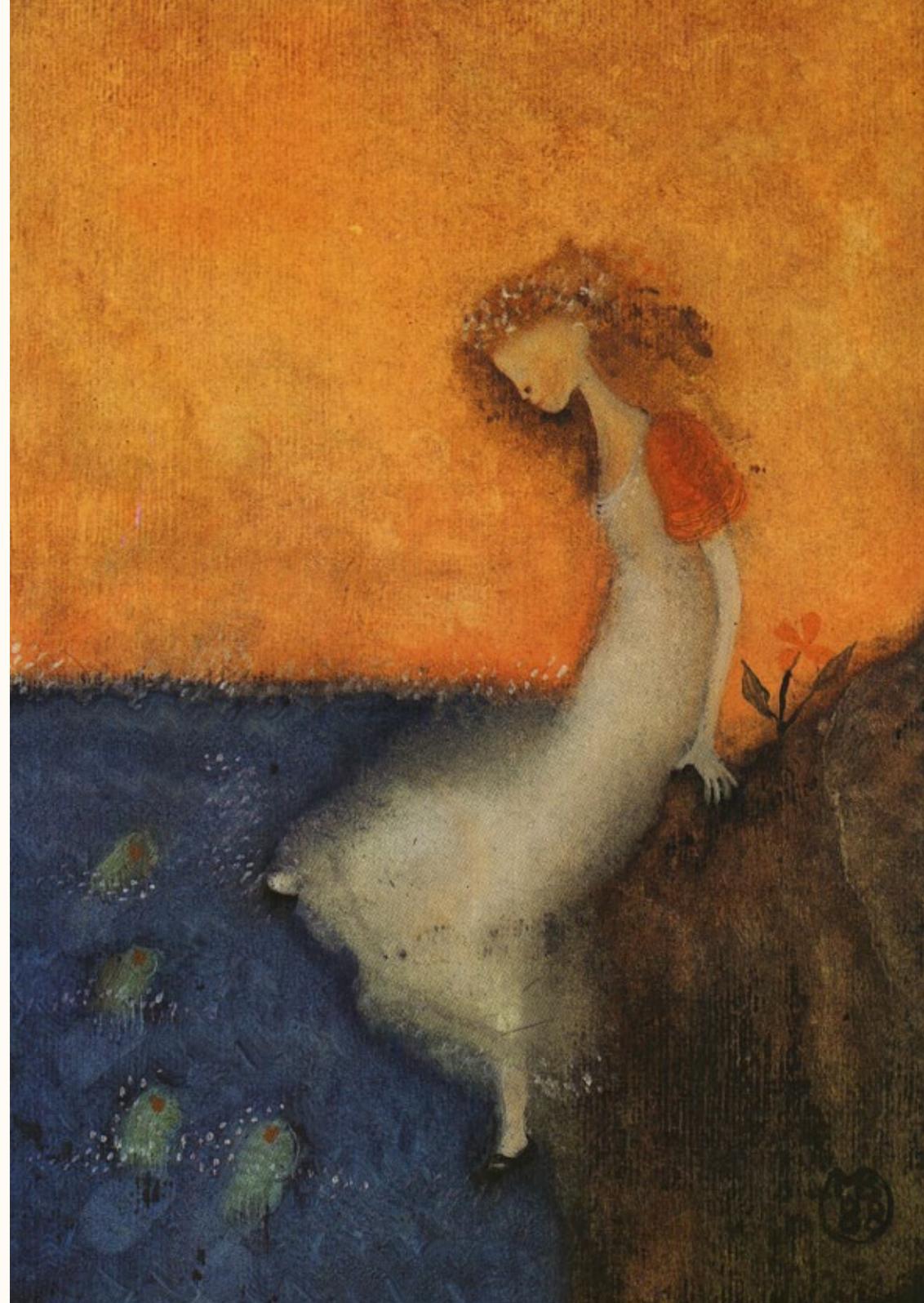
Na cave havia um armário cheio de roupa antiga, fantasias de carnaval, chapéus, plumas, fitas, de tudo para fazermos peças de teatro. Lembro-me de duas das peças: «A Gata Borracheira» e «João e Guida» muito bem escritas e adaptadas com muito humor pela Margarida Losa.

M

ais tarde as duas peças foram reescritas pela Ilse. «A Gata Borracheira» foi representada no Cine-clube e «João e Guida» nos Fenianos do Porto – uma associação que casualmente cedia a sala à «Associação Feminina para a Paz» da qual faziam parte entre outras a Ilsa e a minha Mãe.

Por essa altura a Ilse já tinha escrito *O Mundo em que vivi, Faísca Conta a sua História* com ilustrações de Augusto Gomes e um *Fidalgo de Pernas Curtas* ilustrado por Júlio Resende.

Teria escrito outros livros, colaborava em revistas e quando estávamos na casa do Campo Alegre a Ilse subia as escadas e ia para o quarto que era meio quarto meio escritório e aí ficava a escrever e a pôr a correspondência em dia.



O tempo foi passando, eu fui para Paris em 1963 e daí para Praga com uma bolsa de estudo e regresssei em 1970.

Foi nos finais dos anos 70 que comecei a ilustrar alguns dos livros da Ilse. O primeiro foi uma coletânea de contos selecionados pela Ilse Losa *Histórias Inesquecíveis para Crianças*. As ilustrações tinham que ser a preto e branco e a capa tinha sido ilustrada por um gráfico e não tinha nada a ver com as ilustrações dos contos. A Ilse fez várias diligências mas nada a fazer; o livro já estava impresso.

Depois do 25 de abril os Losas e os meus pais mudaram das suas casas para a Pasteleira. Os Losas e os meus pais passaram a viver no mesmo prédio. Os Losas no 4.º andar e os meus pais no 2.º andar.



Foi por essa altura que as Edições Asa começaram a coleção ASA JUVENIL que a Ilse dirigia literariamente e o João Machado dirigia graficamente. Finalmente havia um grupo de ilustradores. Luisa Brandão, Dario Alves, João Machado, Lisa Cowenberg, António Modesto e eu. Os autores eram além da Ilse losa, Eugénio de Andrade, Agustina Bessa Luís, Adolf Himmel, António Torrado entre outros.

Como coordenadora de edição, a Ilse recebia bastantes manuscritos com pedido de publicação. Uns melhores, outros piores. Respondia a todos. Quando tinha que recusar um livro respondia sempre ao autor dizendo que o livro tinha sido recusado e porquê.

Com os meus pais e os Losas vizinhos, com a coleção da ASA Juvenil, as minhas idas a casa da Ilse eram mais frequentes e as idas da Ilse a casa dos meus pais também.

Falávamos de livros, de ilustrações, de editoras e edições, e da

Europa Central. Quando eu vinha de Praga (onde ia todos os anos passar umas semanas) tínhamos longas conversas sobre o que por lá se fazia no campo editorial. Eu vinha sempre carregada de livros ilustrados que folheávamos enquanto eu ia traduzindo.

No começo dos anos 80, a convite da Marcela Torres a Ilse começou a publicar também nas Edições Afrontamento, continuando a publicar na ASA e nos Livros Horizonte. Foi por essa altura que começámos a ser solicitadas para idas a escolas.

A Ilse falava com os seus leitores, respondia às perguntas, sem infantilizar. Faziam-lhe muitas perguntas sobre a Alemanha e sobre campos de concentração. A maioria tinha lido *O Mundo em que Vivi*; eram jovens com 10 e 13 anos pois nessa altura as editoras publicavam livros para o então ciclo preparatório. Não havia livros para mais novos a não ser livros traduzidos.

De todos os livros que illustrei da Ilse Losa o que mais gostei de ilustrar foi *Silka*. A primeira versão foi feita para «Livros Horizonte» em aguarela. Mas o conto merecia melhor edição! Era um «livrinho» de capa mole, e com um prazo muito curto para o ilustrador, que foi feito à pressa!



Em 1987 telefonou-me a Ilse perguntando se eu conhecia alguém que quisesse ilustrar *Silka* que iria ser publicada nas Edições Afrontamento. Respondi: – Eu. A Ilse ainda disse «e não te importas?» Mas claro que não me importava! Reli a história, e pela primeira vez illustrei um livro a óleo sobre papel. Comecei as ilustrações em 88 e acabei em 1989, tendo metido pelo

meio uma licença sem vencimento pois na altura era funcionária pública na delegação do Norte do Ministério da Cultura.

Silka ganhou a «Maçã de Ouro» na Bienal Internacional de Bratislava em setembro de 1989 e recentemente foi reeditada em formato maior, do tamanho dos originais.

A esta nova edição a Ilse já não assistiu. Iria gostar! Até porque ficámos tristes quando o livro foi editado num tamanho pequeno!

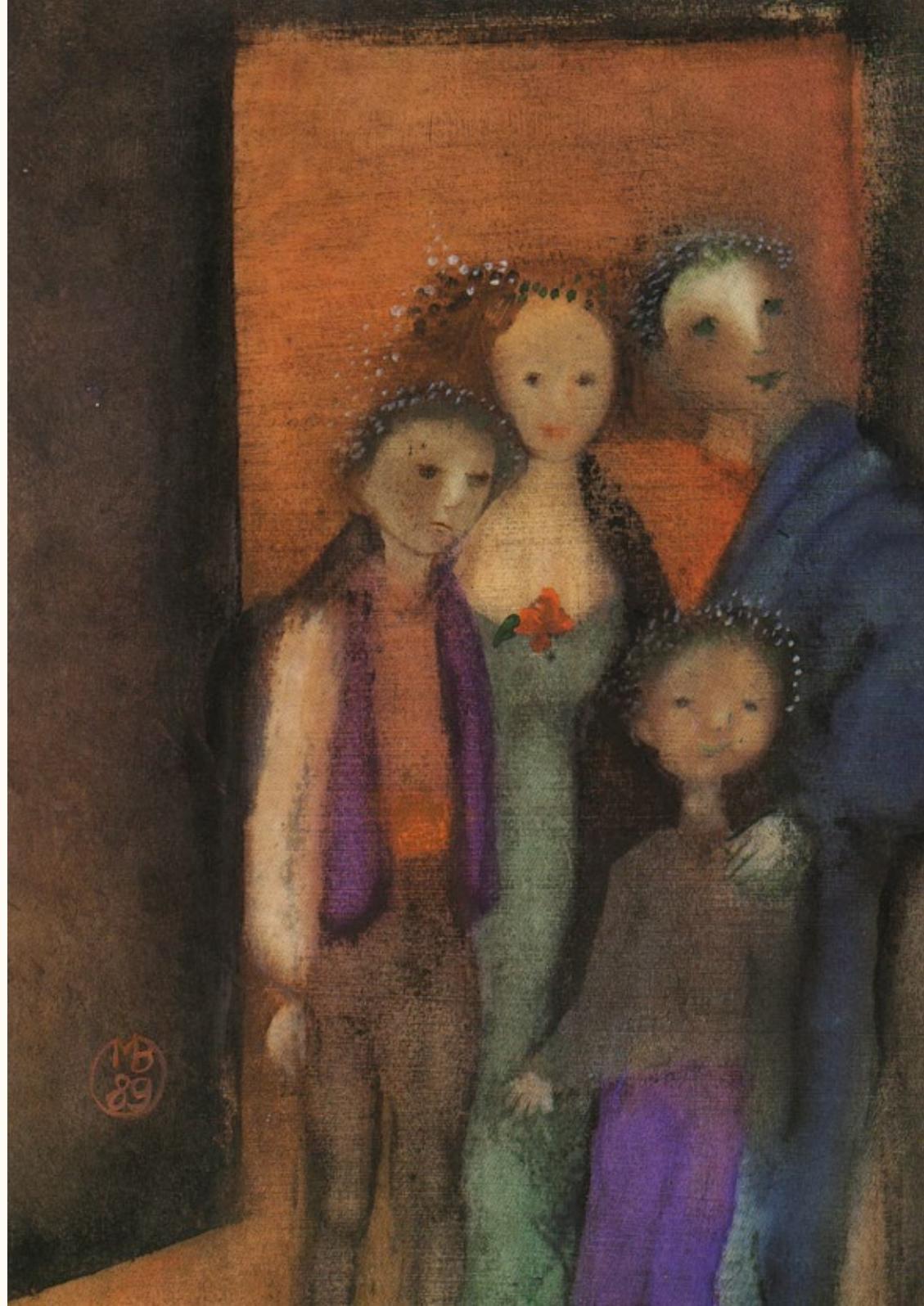
Por isso a Ilse por vezes se insurgia contra as coleções. A *Silka* foi editada em 89 numa coleção que tinha aquele tamanho e assim tinha que ser! Tinha que se encolher.

Foi o último livro que illustrei da Ilse. Em dezembro fui a Praga. Queria viver com os meus amigos a «Revolução de Veludo». Quando cheguei estive com a Ilse e falámos da queda do Muro de Berlim, de Havel, do ambiente, a Ilse contava-me das cartas que recebia de amigos da Alemanha e foram semanas a reviver 1989.

Se comemorámos com vinho ou com champanhe, de certeza não. Na casa dos Losas, que com os livros, idas a escolas, feiras do livro e Europa Central e a morte do Arménio passou a ser a casa da Ilse, bebia-se chá!

Alguns anos depois a Ilse deixou de escrever.

«Não consigo escrever!» Dizia-me. Tentei dar umas ideias, a Margarida também, possivelmente a Alexandra e os netos também, mas a Ilse não escreveu mais! ■



VÉRTICE

S U M Á R I O

O problema agrícola / Poemas de António Nunes, José Fernandes Fale e Papiniano Carlos: ... E a lua apagou-se, conto de António do Silveira: A linguagem na literatura infantil, Ilse Losa: A linguagem de ontem e a de hoje, Domingos Costa Gomes: As tripanossomias na Guiné, Angola e Moçambique, Maria Braga Tenreiro: Algumas palavras sobre Vianna do Monte, Luís de Freitas Branco / Panorama? Crítica / Notícias.

VOL. VI / N.º 64 / DEZEMBRO DE 1948

revista de cultura e arte

ilse losa

A linguagem na literatura infantil

Eça de Queiroz comentou nas suas «Cartas de Inglaterra»: «Em Inglaterra existe uma verdadeira literatura para crianças... Tudo é contado numa linguagem simples, pura, clara — e provando sempre que na vida o êxito pertence àqueles que têm energia, disciplina, sangue-frio e bondade... Eu às vezes pergunto a mim mesmo que é que em Portugal lêem as pobres crianças...»

Hoje — mais de meio século depois destas palavras serem escritas — a literatura infantil em Portugal continua a ser uma necessidade por satisfazer. Tenho na minha frente um livro de capa azul com uma menina vestida de cor de rosa a brincar num relvado. Como não está indicada a idade à qual o livro se destina, supõe-se que seja para uma criança de pouco mais ou menos seis anos, pois é este o aspecto da menina na capa. Transcrevo um trecho extraído ao calhar:

«Nunca soube conduzir-se, nem conduzir os outros: comigo portou-se êle, em tempos, como uma criança, crendo cegamente no que eu lhe dizia; e, contudo, bem sabia que lhe menti; em vez de me castigar de me vergastar sendo preciso, desculpava-me, apoiava-me, beijava-me. Procedimento disparatado. Por isso mesmo é que nem o estimo nem o respeito...»

Abro um outro livro que conta a história de dois ratinhos. Também não indica idade; no entanto pelo assunto devia ser para crianças dos cinco — seis anos. Transcrevo:

«Isto, pelo menos, em relação à grande maioria, pois o irrequieto «Dente-Fino», o mais velho dos três filhos, passava a vida a sonhar com goluseimas e só se de todo em todo não pudesse é que deixaria de se aventurar a ir fazer uma visitinha aos primos da cidade. E essa oportunidade chegou finalmente da forma mais inesperada.

Parece que «as pobres crianças em Portugal» têm bastante razão de queixa no que diz respeito aos livros que lhes são destinados.

Neste artigo não quero falar nos temas escolhidos para a literatura infantil portuguesa, que daria outro assunto e mais vasto ainda; quero apenas focar a sua linguagem.

Em Portugal muitos dos autores e tradutores de contos infantis só se preocupam, decerto, com este género de literatura pelo facto de se encontrarem em dificuldades financeiras e, como neste ramo tudo se aceita logo que o autor se sujeite a preços mínimos...

Eis uma das razões por que a literatura infantil neste país não passa de um destes «mais ou menos» e de uma fantochada sem estudo prévio nem profundidade. Outra é que ainda não se começou a ligar a importância necessária à criança, duma maneira geral. Muitos pais têm uma preocupação: que o menino esteja entretido seja com que for. E enquanto folheia um livro, enquanto o rasga, ou, se tiver já idade suficiente, o lê sem compreender, não maça ninguém. E isto já acham bem bom.

Nunca se deram ao cuidado de comparar a linguagem complicada e desagradável desses livros com o vocabulário limitado e simples dos seus filhos. Outros pais, com mais sentido de responsabilidade, lêem os contos aos pequenos, e, ao passo que vão lendo, modificam as frases, simplificam-nas, adaptam-nas à idade e maneira de falar dos filhos.

Triste a falta de consciência de uma grande parte dos pais, mais triste ainda a dos autores e editores. Pois quem escreve para crianças participa — voluntária ou involuntariamente — na sua formação. Nunca ninguém se devia esquecer disso!

Quem quer escrever um conto infantil deve em primeiro lugar resolver a que idade o quer destinar. De modo nenhum se podem dizer as mesmas coisas e da mesma maneira para crianças de três, seis, oito anos de idade. Não é possível um «tanto faz».

Conforme a criança se vai desenvolvendo de ano para ano a sua linguagem faz progressos. Com dois anos conhece muito poucas palavras. Por isso não lhe interessa ainda uma história, interessam-lhe gravuras grandes e simples. Mas vai colhendo expressões novas, aplicando-as primeiro em sentido errado, e reconhecendo pouco depois o seu erro. Com três anos, a criança começa a contar coisas, e nessa altura já se lhe podem ler histórias muito pequenas, tão pequenas que para nós nem histórias seriam. Basta uma ou duas frases, muito curtas e muito claras; frases que vão direito ao assunto sem rodeios e sem descrições líricas ou filosóficas, construídas somente com expressões conhecidas da criança.

De maneira nenhuma ela pode saber o que seja «relação», «aventura», «maioria», «oportunidade», «indignação» etc.

A criança de tenra idade apenas emprega verbos simples e não diz «saboriar», «arregalar», «arruinar», «necessitar», como também não usa uma forma de adjectivar que não não seja a mais simples. Assim não sabe o que seja «madeira lustrosa», «uma imagem reflectida», «vida pacata», «frases injustas» etc. Não é possível fazer aqui uma relação de tais palavras. Estas, que tirei ao calhar de certos livros «infantis» — servem somente como pequeno exemplo. Reparemos também que a criança até aos seis anos raras vezes emprega o superlativo. Ela diz «muito difícil» e não «difícilimo».

Um livrinho americano para crianças dos dois aos três anos mostra em cada página a mesma menina à procura de um objecto que perdeu. O ambiente é sempre diferente; uma vez a menina aparece num quarto, outra vez no quintal, depois no quarto de banho, etc. O texto é assim: «onde está a boneca de Mary?» ou «onde está o cãozinho da Mary?» Cada página possui uma parte dobrada, e, a criança ao abri-la encontra o objecto perdido. É ela então quem responde. «Está aqui. Na caminha», etc.

Depois de lhe termos lido as perguntas duas ou três vezes, ela sabe-as sózinha, apontando as letras grossas convencida de que está a ler.

De um outro livro americano para crianças dos três aos cinco anos transcrevo um pequeno trecho: «Cinco cães abriam um buraco por baixo das grades e saíram pelo mundo fora. Iam pelos campos, pela rua abaixo, sobre a ponte, pela relva verde, por cima do monte. Iam um atrás do outro. Mas quando chegaram ao cimo do monte, contaram-se a si próprios: Um, dois, tres, quatro. Faltava um cãozinho...»

Esta história simples é acompanhada por gravuras coloridas mostrando as aventuras dos cães. A criança gosta de ouvi-la repetidas vezes e acaba quase sempre por sabê-la de cor. O conto pode encantá-la, e satisfazê-la, porque está dentro dos seus interesses; ela compreende-o perfeitamente, por estar contada na sua linguagem e por não conter palavras que ela não conheça e não use.

Um dos elementos essenciais, portanto, para um autor de contos infantis é estudar o vocabulário das crianças nas suas diferentes idades. Para isso seria preciso que lidasse com elas para as ouvir e escutar. Além disso deve consultar obras de educadores competentes, que lhe

podem ensinar muito a respeito da linguagem das crianças, como também da sua psicologia.

Uma coisa é certa: nunca uma frase comprida, complicada, pode ter encanto para a criança, seja ela de que idade for, por não corresponder à sua maneira de pensar e falar.

O autor dum livro inglês emprega o seguinte método:

Por cima do conto infantil coloca quatro palavras novas, ainda desconhecidas para a criança da idade indicada. O adulto que lê a história é deste modo obrigado a explicar primeiro essas expressões, que depois repetidas vezes aparecem. É um processo simples de ensinar palavras à criança, no entanto deve ser usado apenas por quem saiba profundamente qual o limite das expressões que se podem explicar nas diferentes idades.

Tem-se traduzido de outras línguas contos infantis razoáveis. Mas, estranho facto: os tradutores acham do seu dever «melhorar» e «adaptar» estas histórias que lhes parecem decerto demasiado «criançasadas». Adaptam-nas então a si próprios, à sua maneira de escrever, esquecendo-se por completo para quem são destinadas. Estes tradutores ainda estão convencidos dessa ideia já ultrapassada há bastante tempo, de que boa literatura consiste em frases compridas, sempre complicadas e tidas como «elegantes». Pensam, certamente, que até podia parecer mal se escrevessem em linguagem infantil; podiam os outros julgar que não soubessem melhor. Provavelmente haverá também entre eles quem esteja convencido que convém «educar o estilo dos meninos». Isto, suponho que os autores ainda reflitam, embora erradamente. Penso que muitos nem tanto chegam a fazer.

Quanto não pode significar um livro para uma criança! Ao mesmo tempo que a encanta, pode ser instrutivo e educativo. Contudo, supondo que o assunto foi bem escolhido, não lhe servirá de nada, se não estiver contado dentro dos limites da linguagem da criança, se ela não o compreender perfeitamente. «Linguagem simples, pura, e clara», como escreveu Eça há meio século. Seria assim tão difícil?

Um trecho traduzido dum livro infantil dinamarquês destinado a a crianças dos nove, dez anos:

«Não se consegue ver a nossa floresta no globo, e ele é bem grande. Mas o tio Hans contou que as florestas na Índia, na América, no Canadá

e na Rússia ainda são mil vezes maiores. Mesmo assim não se avistam no globo, porque aí há só lugar para o que é maior de tudo, e isto são as terras e o mar. Há países que não aparecem com mancha grande por serem muito pequenos. Se repararmos como a Dinamarca é pequena no globo, então poderemos imaginar como devem ser na realidade enormes aqueles países que são desenhados com manchas grandes. Por isso Babsi disse que uma viagem à volta do mundo devia levar muito, muito tempo...».

E agora uma pequena história inglesa:

Uma vez, há muito tempo, não tínhamos rosas vermelhas. Todas as rosas do mundo eram brancas. Não havia nem vermelhas nem amarelas — só havia rosas brancas.

— E uma manhã, muito cedo, uma rosinha branca acordou e viu que o sol olhava para ela. Não tirou os olhos dela e a pequena rosinha branca não sabia o que fazer. Então olhou também para ele e disse:

«Porque é que não tiras os olhos de mim?»

«Por seres tão bonita!» exclamou o sol grande e redondo. A rosinha branca corou! E todos os seus filhos depois dela ficaram rosas vermelhas».

Quando se fará coisa semelhante com os nossos filhos, para que não precisemos mais de perguntar a nós próprios: que é que em Portugal lêem as pobres crianças?»

ILSE LOSA

CABEÇUDOS ITINERANTE: UMA LIVRARIA PELA ESTRADA FORA

Manhã! Anda ver! Estão a vender livros ali!»

Dentro da carrinha ouvimos claramente o apelo de um menino que se acerca das mesas onde, no passeio, se expõem livros infantis e juvenis. É sábado de manhã e a Cabeçudos Itinerante está estacionada a meia dúzia de metros da Biblioteca Municipal da Azambuja. Ali ficará durante todo o dia, enquanto lá dentro a editora da Orfeu Negro, Carla Oliveira, conta e conversa sobre o álbum *Achimpa*, de Catarina Sobral, com as famílias que acorrem normalmente ao espaço infantil da Biblioteca aos sábados de manhã. Depois do almoço será a vez de Isabel Minhós Martins, editora da Planeta Tangerina e escritora, desafiar este público para criar um livro a partir de uma simples técnica de dobragem de papel.

É o primeiro dia de terreno da Cabeçudos Itinerante e Rui Andrade, um dos seus mentores, está contente e expectante, apesar das vendas ainda não corresponderem aos objetivos traçados. Com uma capacidade para 3.000 livros, a carrinha leva parte dos fundos da livraria de Lisboa, que o livreiro abriu com Raquel Salgueiro nos idos de 2010. A otimização das sinergias entre os dois espaços permite arrancar agora com o projeto de levar o livro a qualquer parte

Carla Oliveira, da Orfeu Negro, conta e conversa sobre o álbum *Achimpa*, de Catarina Sobral



Isabel Minhós Martins, da Planeta Tangerina, desafia a criação de um livro a partir da técnica de dobragem de papel



do país, não apenas para o vender mas sobretudo para o promover. «A missão da CABEÇUDOS é promover a leitura. Para isso queremos proporcionar festas do livro animadas por autores e mediadores. Numa primeira fase, a dimensão das atividades dependerá muito da conjugação de esforços com os interlocutores locais. Para um futuro não muito distante estamos a desenvolver esforços para construir parcerias que possam sustentar a programação.», afirma Rui Andrade, explicando que nos próximos tempos os itinerários serão traçados um pouco em função dos pedidos das autarquias e escolas.

Em muitos concelhos, como acontece na Azambuja, não há livrarias, apenas papelarias que vendem livros. As compras fazem-se

nas cadeias livres dos centros comerciais das cidades mais próximas (e que distam, no máximo, a 80 km) onde as famílias vão a passeio, nos hipermercados e pela Internet.

Falta, no entanto, o apoio do livreiro especializado, que conhece o mercado e tem sensibilidade para ouvir o cliente e fazer as perguntas certas antes de sugerir este ou aquele livro.

Em Portugal, há poucas livrarias assim, ditas independentes, e localizam-se maioritariamente nos grandes e médios centros urbanos. Quando se fala de livros para crianças, o panorama não muda muito.

As livrarias especializadas que se dedicam em exclusivo, ou quase, ao livro infantil e juvenil contam-se pelos dedos das mãos: a Salta Folhinhas e a Papa Livros no Porto, a Gigões e Anantes em Aveiro, a Bichinho de Conto em Óbidos, a Gatafunho e a Cabeçudos em Lisboa.

Tendo em conta o contexto, o contacto especializado e de proximidade com o livro faz-se através da Biblioteca Municipal e das Bibliotecas Escolares. Por isso faz sentido serem estas as parcerias naturais da Cabeçudos Itinerante.

Dirigida ao público infantil e juvenil (até aos 18 anos), a Cabeçudos Itinerante procura oferecer qualidade e diversidade, sejam álbuns, livros cartonados para a primeira infância, literatura infantil e juvenil ou livros informativos. Ali encontramos sem esforço editoras como a OQO, a Kalandraka, a Bruaá, a Caminho, a Presença, o Planeta

Tangerina, a Orfeu Negro, a Gatafunho... e ficamos com a garantia de que as prateleiras estão em permanente atualização: «O fundo da carrinha assenta nos critérios da livra-

ria ancorada, intersetados com os públicos que temos em cada estada. O objetivo é levar o livro de qualidade, que não se esgota no selo LER+, a locais onde de outra forma não chegaria.»

A livraria sobre rodas vai ficar estacionada pela Azambuja durante toda a semana, e com uma agenda cheia. As ilustradoras e autoras Catarina Sobral e Madalena Matoso orientarão ateliers com alunos do 1.º ciclo do Concelho da Azambuja, que muito cedo manifestou interesse nesta parceria.

Com os duros cortes que as Bibliotecas Municipais sofreram e que as limitaram profundamente ao nível da programação e da aquisição de fundos, associarem-se a este projeto pode ser uma espécie de casamento perfeito: as bibliotecas podem oferecer ao seu público os recursos que a Cabeçudos Itinerante disponibilizará e que passam por feiras do livro nas escolas, livros a preços de saldo e sessões de pro-

Movida a sonhos e imaginação

l i v r a r i a

moção da leitura com escritores, ilustradores, editores e mediadores.

O contacto com crianças e adolescentes será direto e a Cabeçudos procura também chegar aos mediadores (pais, professores, educadores em geral), elos essenciais na cadeia de promoção e de acesso ao livro para os mais novos.

A apresentação oficial do projeto teve lugar no Liceu Pedro Nunes, em Lisboa, e contou com a presença de representantes das principais instituições portuguesas de apoio ao livro e à leitura: Fernando Pinto do Amaral, comissário do Plano Nacional de Leitura, Maria Carlos Loureiro, pela Direção Geral do Livro, Arquivos e Bibliotecas e Teresa Calçada, pela Rede de Bibliotecas Escolares.

Aos alunos adolescentes do Pedro Nunes, a Cabeçudos Itinerante abriu pela primeira vez as suas portas, lançando assim um repto a este público, considerado tradicionalmente o mais difícil.

Os alunos que assistiram à apresentação, contudo, não mostraram enfado, especialmente quando o rapper Chullage interveio, numa pequena sessão de Spoken Word, usando a palavra cidade como mote para criticar desigualdades, hipocrisias e paradoxos sociais.

Também ficaram na memória de quem lá esteve as declarações de algumas crianças de Avis, que a Cabeçudos registou em vídeo. À pergunta se conseguiam imaginar uma livraria sobre rodas, e como seria, um respondeu que a livraria «podia descansar um bocadinho e depois continuava a andar a ver quem é que queria um livro» enquanto outro menino acreditava que ela «podia vir até nós ou então podíamos telefonar para ela vir até cá.» E, se os livros cheiram a «palavras, leitura» ou a «histórias», esta casa móvel está em sintonia com eles, porque «é movida a sonhos e imaginação». Diz quem a põe a andar. ■

A carrinha da Cabeçudos Itinerante



CHEGAR ALÉM DA SUPERFÍCIE

A proximidade que estabelece com o leitor é uma das características mais marcantes da obra do uruguaio Mario Benedetti (1920-2009). *Árboles*, o poema que Alejandro Garcia Schnetzer escolheu para editar na coleção infantil Libros de Cordel (que dirige), da editora catalã Libros del Zorro Rojo, espelha a poética do autor, a sua consciência comunicante e o seu programa ideológico, comprometido com os outros e com um certo desassossego do pensar. Era aliás, o próprio autor quem defendia a necessidade de provocar no leitor os mecanismos do pensamento que o fizessem evoluir, em suma ser melhor.

As árvores deste poema estabelecem essa relação de proximidade com o leitor, a partir do universal e do particular. Se, por um lado, são visíveis, palpáveis, reconhecíveis, comuns, podem ser mais e outras, numa multiplicação de sentidos que avançam até ao símbolo sem nunca o firmarem.

Esta recusa de fechamento, perante a simples correspondência a um conceito como a paz ou a dignidade, sustenta e eleva o objeto poético (a árvore) a uma espécie de devir universal. Há um movimento que não se conclui no poema: as estações do ano passam, as árvores perdem as folhas, outras não, ainda as há com flores, e as de ramos largos ou estreitos, e os pássaros, que escolhem esta ou aquela para poisar e conversar, e depois outra.

As árvores aceitam, nas palavras do poema, a presença amigável dos homens, tanto quanto aceitam o medo aos lenhadores, «que por oficio son los asesinos de los árboles», sem outra emoção, nem mais intensa, nem mais relevante, que a aceitação da indiferença das cegonhas e das corujas.

Com uma sintaxe e uma progressão linear e simples, este texto atin-

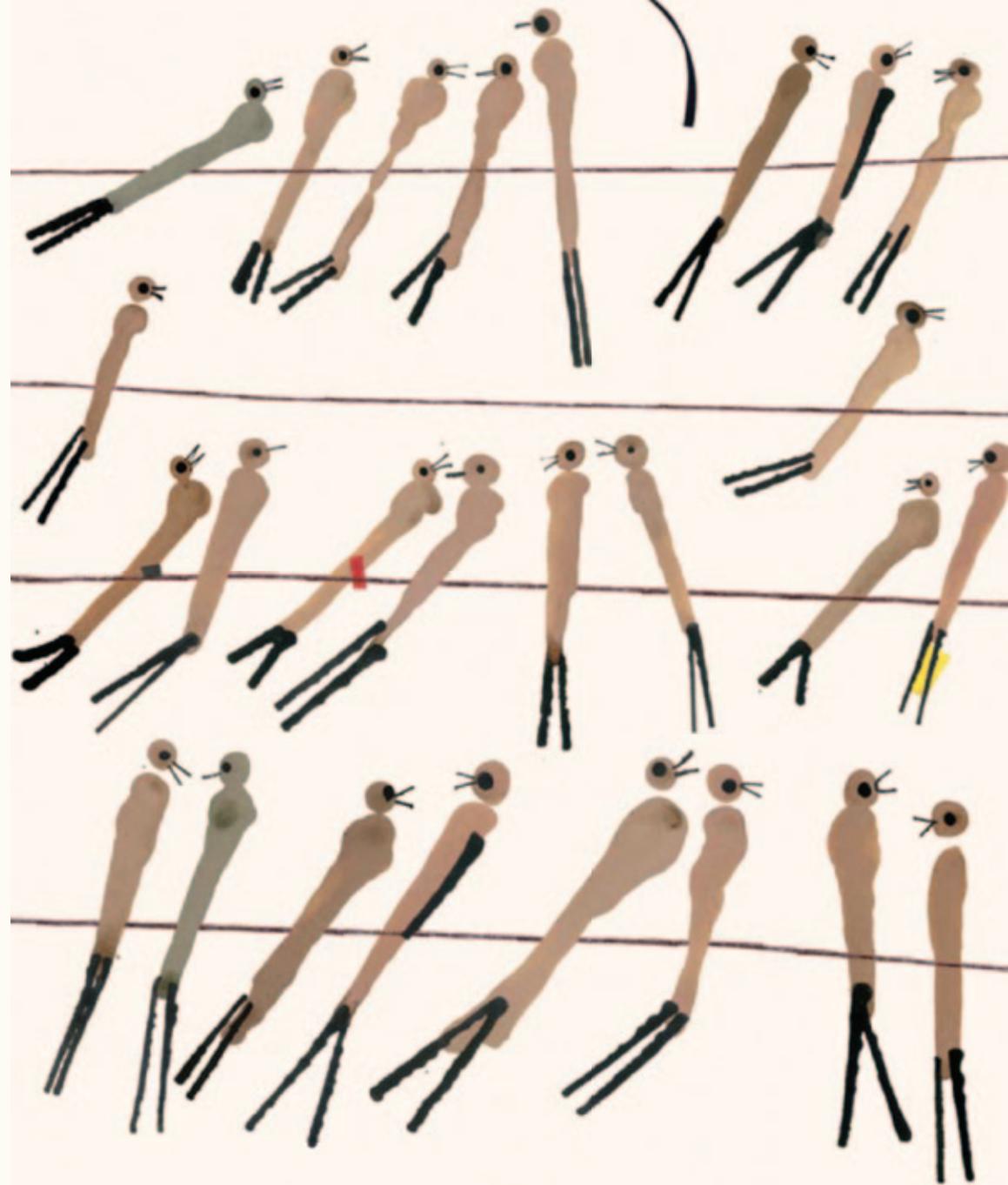


ge o seu clímax no final quando, depois de uma enumeração de características e situações, o sujeito poético assume a sua incomunicabilidade com os pássaros, e transforma a árvore em testemunha, não apenas sua, mas do mundo e da vida: «Por tanto, el árbol asiste silencioso/ a esta incomunicación de las vidas/ y entonces yo decido estirar/ mi brazo izquierdo y me apoyo/ en su tronco solidário.»

Esta subtil humanização da árvore, que perpassa todo o texto, apenas no final é assumida pela ilustração, quando dá à copa uma forma, uma gradação de cores e alguns traços que a associam a um rosto de perfil. Faz sentido que assim seja, agora que se estabelece o diálogo, possível sem a fala, pelo gesto, pelo tato.

O livro é um canto, visual e sonoro, também pelos efeitos que a ilustração do espanhol Javier Zabala (1962-) sugere, através da utilização de uma técnica mista, com recurso a impressão, colagem, desenho e pintura. Assim se compõe um espaço pleno de texturas, jogos de manchas e elementos definidos que alimentam o balancear das palavras, como se sentíssemos todos a vida a passar por ali. Uma vida real, mas lida muito além da superfície.

O livro integra uma coleção infantil arrojada, que seleciona textos de autores normalmente associados à escrita para adultos, como Pablo Neruda, Eduardo Galeano, Júlio Cortazar ou José Saramago, aos quais se juntam ilustrações pensadas para cada um dos textos. A galeria de ilustradores não é de menor peso: Elena Odriozola, Antonio Santos, Emílio Urberuaga e Manuel Estrada. Quando se questiona se serão livros para crianças, basta ler a simplicidade e a poética de cada obra para encontrar a resposta: há livros que suspendem o leitor, que o encantam com algo que não reconhece mas que o comove. Quanto mais cedo as crianças o puderem sentir, melhores leitoras e pessoas serão. ■



LITERATURA INFANTIL E JUVENIL EM BOGOTÁ



l congreso es una auténtica celebración de la creación, y es la consideración de ésta como un derecho ciudadano.» As palavras são de Clarisa Ruíz, Secretária da Cultura de Bogotá, na sessão de abertura do II Congresso Iberoamericano de Língua e Literatura Infantil e Juvenil, no dia 5 de março.

Depois da sua primeira edição, que teve lugar em Santiago do Chile, em 2010, e cujas atas estão disponíveis no site da Fundação SM, foi a vez de a capital colombiana acolher, entre 5 e 9 de março, o Congresso que teve como objetivo analisar o presente da LIJ neste eixo geográfico, social e cultural.

Seguindo o tema «Escrever, ilustrar e ler livros infantis e juvenis hoje na Iberoamérica», as comunicações e mesas redondas foram organizadas a partir de uma tríade programática: a vida privada, a vida pública e a transcendência. Identidade, subjetividade, relações interpessoais, discursos, sentimentos e valores serviram de mote para se falar de criação, tendências, ilustração, plataformas de leitura, edição, mediação. Entre os conferencistas, oriundos de países como a Colômbia, Argentina, Cuba, Venezuela, Equador, Espanha, Porto Rico, Uruguai, Chile, Peru e Brasil, encontraram-se autores vencedores do Prémio Barco de Vapor, coordenadores de instituições de promoção da leitura como o Banco del Libro ou o Fundalectura, editores, livreiros, professores e jornalistas.

Michèle Petit, María Teresa Andruetto (Prémio Andersen 2012), Cecilia Bajour, Daniel Goldin, Marina Colasanti, Yolanda Reyes, ou Pedro Cerrillo foram alguns dos mais conhecidos. ■

<http://www.cilelij.com/>

A ILHA NOS BOLOGNA RAGAZZI AWARDS



livro ilustrado *A Ilha*, de João Gomes de Abreu e Yara Kono (Planeta Tangerina), foi distinguido com uma menção especial nos Bologna Ragazzi Awards, na categoria de Primeira Obra. Estes prestigiados prémios, uma das iniciativas da Feira Internacional do Livro Infantil de Bolonha, são sempre aguardados com grande expectativa porque os livros escolhidos merecem um lugar de destaque durante o certame e ganham visibilidade junto de quem compra direitos, assim como dos visitantes em geral.

É a primeira vez que um livro português merece uma distinção nos *Bologna Ragazzi Awards* e, tendo sido a única editora portuguesa com livros a concurso (10 no total), para o Planeta Tangerina esta menção sabe quase a primeiro prémio. *A Ilha* é a narrativa de estreia de João Gomes de Abreu. Ali se conta como uma espécie de inveja destruiu uma ilha e, mesmo assim, habitantes e governantes conseguiram festejar o feito. A ingenuidade e a ironia dão as mãos e comunicam pelas palavras e pelas ilustrações naif q.b. de Yara Kono.

Este ano, o júri pendeu para o conhecimento, privilegiando livros que exploram e recriam saberes enciclopédicos, científicos ou sensoriais.

O vencedor na categoria de Primeira Obra foi o inglês Paul Thurlby com *Paul Thurlby's Alphabet* (Templar Publishing). Na categoria de Ficção, *Eyes*, da polaca Iwona Chmielewska, numa edição da coreana Changbi Publishers, mereceu a distinção máxima pela forma como obriga o leitor a observar e refletir sobre o ato de ver. *Dictionnaire Fou du Corps*, de Katy Couprie foi distinguido na categoria de Não Ficção, e na categoria de novos horizontes venceu o livro *Diccionario* para armar com textos e ilustrações de diversos autores e edição da Conaculta (México). ■

<http://www.bolognachildrensbookfair.com/en/bolognaragazzi-award/winners-2013/opera-prima/1066.html>

FOLHINHA: 50 ANOS

A

Folhinha, suplemento infantil do jornal brasileiro *Folha de S. Paulo*, completa 50 anos. Para assinalar a efeméride, o jornal online disponibiliza depoimentos de editores, notícias de época, entrevistas com escritores e ilustradores, atuais e antigas.

As crianças, até aos 12 anos, foram desafiadas a enviar uma ilustração sobre o tema do quinquagésimo aniversário da *Folhinha*, celebrando assim a colaboração infantil que o suplemento tem recebido desde a sua fundação, em 1963. Uma das suas ex-diretoras, Patrícia Trudes da Veiga, conta como motivou este público a participar ativamente no jornal. Lançou concursos temáticos, de ilustração e texto, aos quais responderam milhares de crianças com os seus trabalhos. Depois, convidou os mais novos a enviarem questões sobre o aquecimento global, que eram respondidas por cientistas, e finalmente percorreu o imenso país recolhendo as brincadeiras infantis que ficaram inventariadas no site Mapa do Brincar. Já Mónica Rodrigues da Costa, que esteve à frente da *Folhinha* entre 1987 e 2004, partilha as angústias iniciais e a estratégia que usou, para dar informação às crianças.

A turma da Mônica, com a menina mal-humorada a encabeçá-la, tem também um lugar de destaque nesta efeméride, com depoimentos de Maurício de Sousa, da sua filha e uma pequena história da evolução da personagem, que hoje protagoniza Mônica Jovem.

Da primeira reportagem de capa da *Folhinha* até à sua recuperação numa reportagem atual, passando pelo testemunho atual de muitos leitores e colaboradores do caderno no passado, todo este património está disponível. A *Folhinha* faz 50 anos e oferece uma prenda aos leitores. ■

<http://www1.folha.uol.com.br/especial/2013/folhinha50anos/>

SEMANA DA LEITURA EM PORTUGAL

P

elo sétimo ano consecutivo, escolas e bibliotecas municipais um pouco por todo o país apresentaram múltiplas atividades de promoção da leitura, no âmbito da sétima edição da Semana da Leitura.

Criada pelo Plano Nacional de Leitura, em parceria com a Rede de Bibliotecas Escolares, a iniciativa nasceu em 2007, ainda sem uma temática orientadora, com o objetivo de motivar os principais agentes promotores de leitura a chamarem a atenção para a necessidade de elevar os níveis de literacia e o número de leitores, especialmente entre o público infantil e juvenil.

Entre 11 e 15 de março, o Mar, a partir de onze motes diferentes, foi pretexto para leituras dramatizadas, feiras do livro, conversas com escritores e ilustradores, exposições, maratonas de leitura, oficinas e ateliers de leitura e escrita, apresentação de projetos de continuidade e convites às famílias e outros membros da comunidade para contarem histórias, lerem e falarem de livros.

Esta data entrou já nas rotinas de planificação letiva e será aquela que mais transversalmente se realiza. Os temas escolhidos pretendem retirar o livro e a leitura da esfera da aula de português e ampliar o seu domínio para outras áreas de conhecimento, seja ele científico, histórico, geográfico, ou outro.

O PNL disponibilizou, como sempre, um cartaz para assinalar a data, e lançou ainda o Concurso de Escrita «Eu Escrevo» para o público escolar, cujos vencedores serão conhecidos em junho. Naquela que foi a última semana de aulas antes das férias da Páscoa, os mais novos puderam realizar atividades de carácter mais lúdico, sendo a leitura o pretexto para se relacionarem com colegas, professores e famílias. ■

<http://www.planacionaldeleitura.gov.pt/escolas/projetos.php?idTipoProjecto=21>



AQUI

LINO

Mário de Carvalho

aquilino

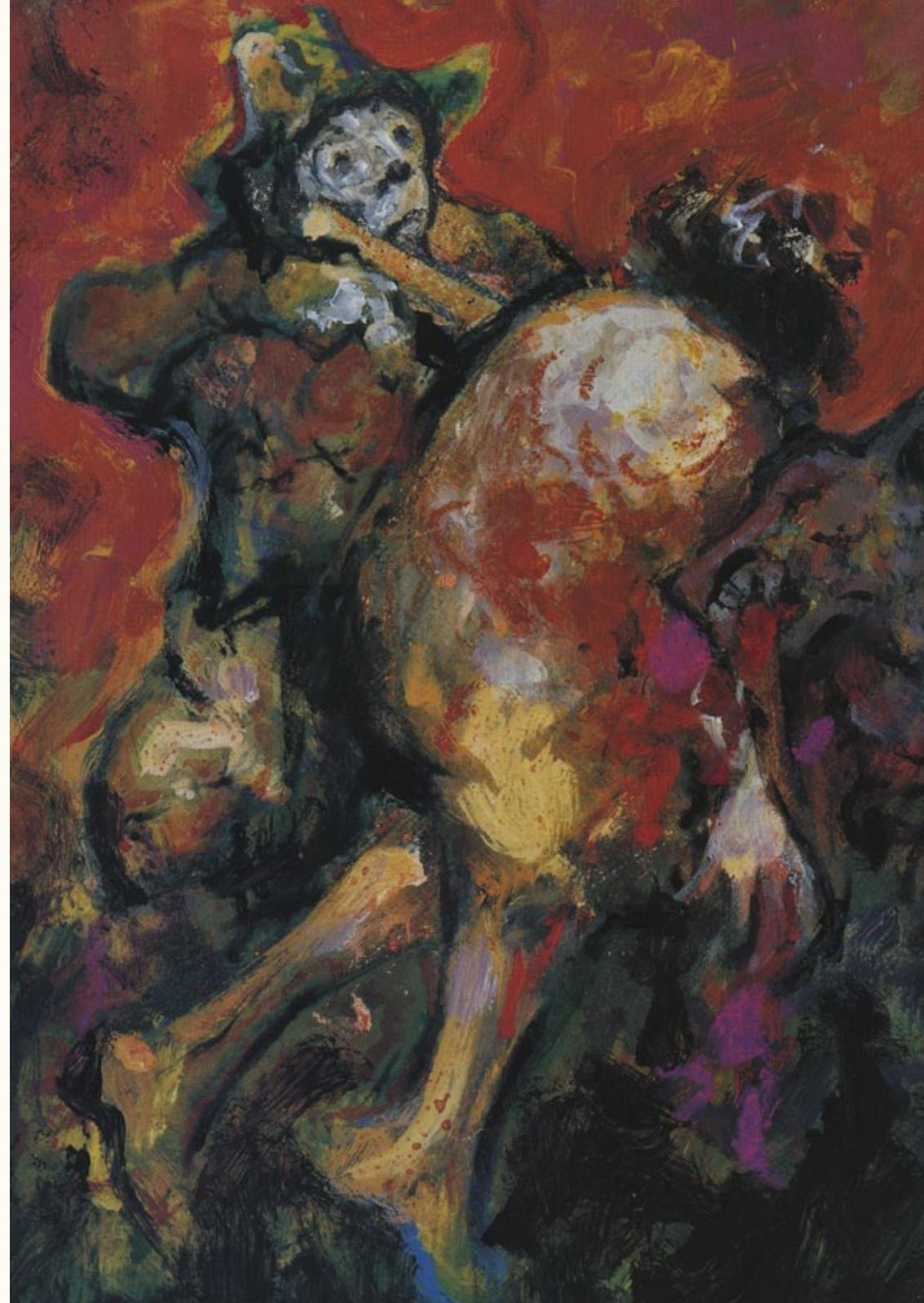
Intervenção na sessão de homenagem a Aquilino Ribeiro,
no Panteão Nacional, em 25 de Fevereiro de 2013

ilustrações de JOÃO ABEL MANTA
para o livro *Quando os Lobos Uivam*, Edições Avante, 2008

DEVO DIZER QUE POUCAS VEZES NA MINHA vida me tenho sentido tão grato e penhorado como nesta ocasião. Dificilmente encontro os termos adequados para exprimir o quanto me considero apreensivo e honrado por ser chamado a esta homenagem a um dos escritores que mais amo e a um dos nomes que mais respeito na história da cultura portuguesa. A apreensão deve-se à suspeita de que muitos haverá em Portugal que mais abalizadamente se encontrariam nesta mesa a pronunciar-se sobre Aquilino Ribeiro; a honra não vai desacompanhada de comoção por se tratar de quem se trata e por ter sido, durante toda a minha vida, desde miúdo, uma figura de grandeza e elevação, cívica e literária, muito além do meu alcance.

O meu pai, como outros da sua geração, referia-se ao escritor como «Mestre Aquilino» e nesta designação de mestria que nunca encontrei assinalada a nenhum outro escritor (já não direi pintores e escultores) ia muito da consideração que se tinha pelo artista, como cultor da língua portuguesa, pela perícia de moldar, talhar e lavrar o idioma com um saber e um apuro da técnica que ficaram como referência e como horizonte.

«Ainda hoje vi Mestre Aquilino», «Mestre Aquilino estava à porta da Bertrand», contavam-me. Os seus contemporâneos consideravam-se distinguidos, só por tê-lo visto, por tê-lo



aquilino

cumprimentado, ou por ter ouvido umas palavras suas, nos circuitos do Chiado e da Baixa, palavras que depois eram reproduzidas (contos seguramente acrescentados) com admiração e acatamento.

Alguns dos livros apareciam lá por casa, a espaços, ao sabor das reedições, *Via Sinuosa*, *Andam Faunos pelos Bosques*, *Cinco Réis de Gente*, o *Malhadinhas*, com títulos intrigantes para o miúdo que eu era, e assuntos e prosa ainda inacessíveis à minha curiosidade. Não importa de momento – outros o farão muito melhor – evocar aqui as convulsões por que o país passou, na minha meninice e adolescência, onde tremeluzia já um relance de esperança que demoraria ainda, porém, muitos anos a vingar.

Mas um livro surgiu, um belo dia, com um forro de capa especial de papel de embrulho, opaco, que lhe não deixava ver o título nem a autoria. Era *Quando os Lobos Uivam*, a obra que sobre as demais, havia sacudido a prepotência dos esbirros e que provocou um dos mais vergonhosos processos da história judicial portuguesa. Não houve pejo em espiolhar o livro linha a linha, varejar-lhe os propósitos subversivos e críticos e sujeitar o maior escritor português, já na altura com setenta e três anos, aos vexames de interrogatórios, autos, diligências processuais, enquanto se proibia nos jornais qualquer menção à obra. Entretanto, a imprensa da situação – cuja história de infâmia está ainda, ao que creio, por fazer – desencadeava uma campanha de vitupérios «ad hominem», num desatar de cobardia sobre cidadãos que não se podiam defender, manietados pela censura. O livro *Em Defesa de Aquilino Ribeiro*, organizado por Alfredo Caldeira e Diana Andringa, dá minuciosa conta de todo este sinistro



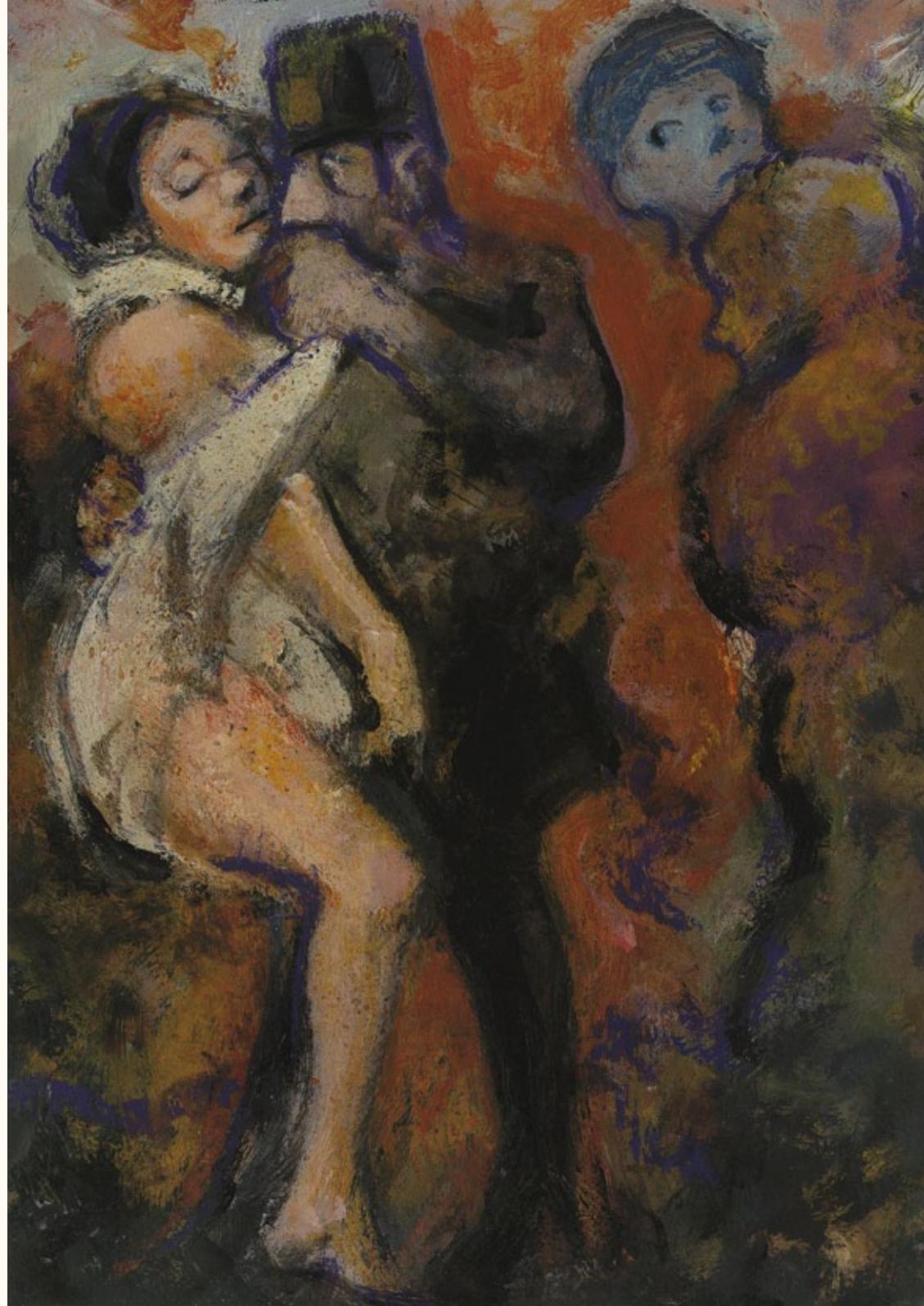
aquilino

procedimento que só não resulta, em absoluto, deprimente, porque nele também avultam as vozes corajosas ou simplesmente solidárias e honradas dos intelectuais que nunca o desacompanharam. Por todos, gostaria de realçar a defesa denodada, brilhante e sagaz desse grande democrata que foi o advogado Alfredo Caldeira.

Sobre a figura cívica de Aquilino Ribeiro, a sua inconformidade com os despotismos e as tiranias, o seu apego às causas da liberdade e democracia, a sua dignidade perante os cercos, os menosprezos e as felonias, haverá quem se pronuncie com mais ciência e sensibilidade do que eu. Até aos meus dias chegou a ressonância benigna de uma presença que tutelarmente, tranquilamente, fazia a sua rotina da Bertrand e do Chiado e falava baixo, reservadamente, com espírito, às vezes com alguma malícia, na sua inconfundível pronúncia beirã. Os que o conheciam ou que tinham tido o privilégio de duas palavras, entre portas, repetiam, ampliavam as observações e os ditos, acrescentando dimensões ao prestígio duma figura que para várias gerações era importante que estivesse lá, como reserva, comprovação viva de uma outra maneira de estar e de pensar, marcando uma diferença, um rasgo de dignidade nos dias torvos que se viviam.

Umhas palavras agora, sobre o escritor, porventura o maior do nosso século XX que, aliás, abundou em excelentes autores.

Passados tantos anos, faço questão de dizer quanto me sinto privilegiado por estar embebido, ainda que num esteiro arredado, obscuro e infecundo, nesta torrente que tem transportado, pelos séculos fora, um aluvião de sabedoria, de gosto, de versatilidade que irriga e quer fazer verdejar os espaços em tor-



aquilino

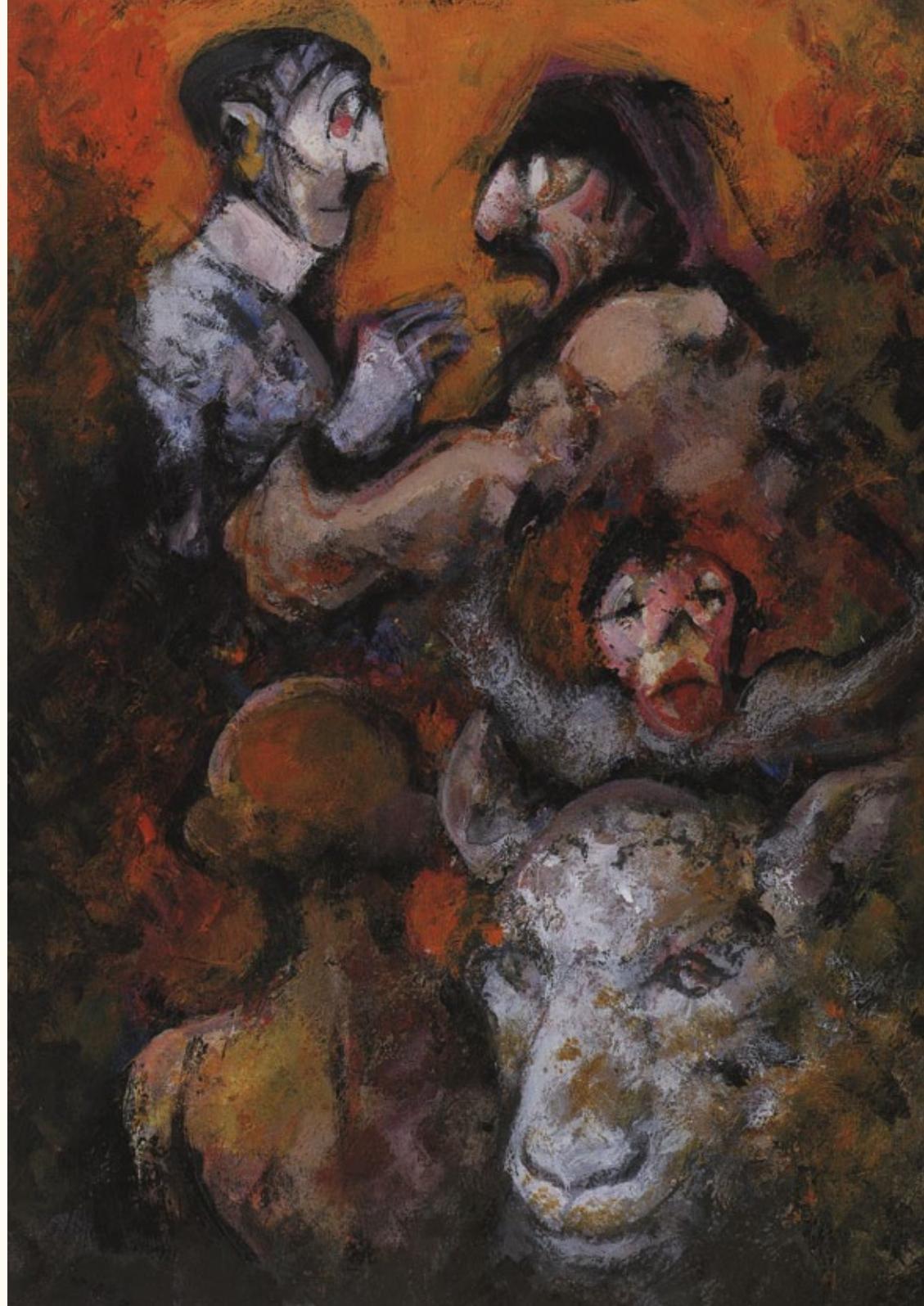
no. Prezo muito e estou muito grato aos grandes escritores que foram meus mestres e que a cada momento me desafiam e me levam a considerar que, se não estou à altura, não foi por eles não fazerem o possível por me mostrar em que regiões se situa e refulge a grande literatura.

É com algum espanto – e também com aquele susto com que vemos aproximarem-se as catástrofes – que me apercebo da rasura que autores dos nossos tempos pretendem impor aos que os precederam e que, não raro, foram aqueles que os despertaram e lhes moldaram a linguagem, transmitiram os termos de comparação e a seiva de que se alimentam.

Tem perorado por aí um certo triunfalismo inauguratório de quem se apresenta como fundador da literatura portuguesa, como se antes apenas existisse o nada, ou... o dilúvio. Trata-se, sempre, dum efeito que procura – com espírito de oportunidade – tirar vantagem das lacunas de certo espírito dos tempos em que têm a sua parte as deficiências do ensino.

Em alguns casos, um agudo sentido de marketing leva à complacência ou mesmo à cumplicidade com o desconhecimento, não querendo alguns autores que suspeitem encontrarem-se eles noutra plano de linguagem, a dar para a inacessibilidade, por demais desencorajadora dos chamados «públicos» que identificam como consumidores rasos e destituídos.

Mas em não se tratando de ingratidão, ou senso comercial, existem também os casos de pura e santa ignorância, carregada de uma ingenuidade que só não suscita ternura, porque a ignorância costuma apelar atrevidamente à basófia e, como diria Aquilino, à «farófia».



aquilino

Neste contexto, é importante que a Associação Portuguesa de Escritores, sucessora de uma sociedade que o autor de *Terras do Demo* ajudou a fundar, venha repor a justiça, homenageando este nome colossal das nossas letras.

Aquilino foi um trabalhador infatigável, cumprindo, seguramente, a velha máxima horaciana de «nem um dia sem uma linha». Foi um escritor de tempo inteiro e de alma inteira, sempre à banca, acudindo a diversas solicitações, e aos apelos da sua poderosa imaginação, mas também ao dia-a-dia da sua própria subsistência, duramente assegurada. No célebre prefácio de *Quando os Lobos Uivam* dedicado a Francisco Pulido Valente, diz, a dado passo: «...a vida utilitária, o arranjinho, a conveniência mundana nunca me roubaram um minuto de labor. Valeu a pena toda esta existência de sacrifício, de que ninguém se apercebeu, que ninguém me agradece, de que aliás ninguém me encomendou o sermão? Em minha consciência não sei responder». Respondemos nós, agora

Escreveu contos (a sua primeira obra publicada, *O Jardim das Tormentas* – que neste ano comemoramos – é, justamente, um livro de contos) mas também novelas, romances, artigos, teatro, traduções, deixando a sua marca muito peculiar em *A Retirada dos Dez Mil*, *O Príncipe Perfeito (A educação de Ciro)* E, sobretudo, na sua versão, bem aquiliniana, de *D.Quixote*.

Alguns dos seus livros, como *A Casa Grande de Romarigães*, ou *Terras do Demo* são marcos incontornáveis da narrativa portuguesa de todos os tempos. A vastíssima cultura de Aquilino Ribeiro tanto corre pelas névoas da antiguidade, como relampeja em episódios mais ou menos burlescos da História Portuguesa.



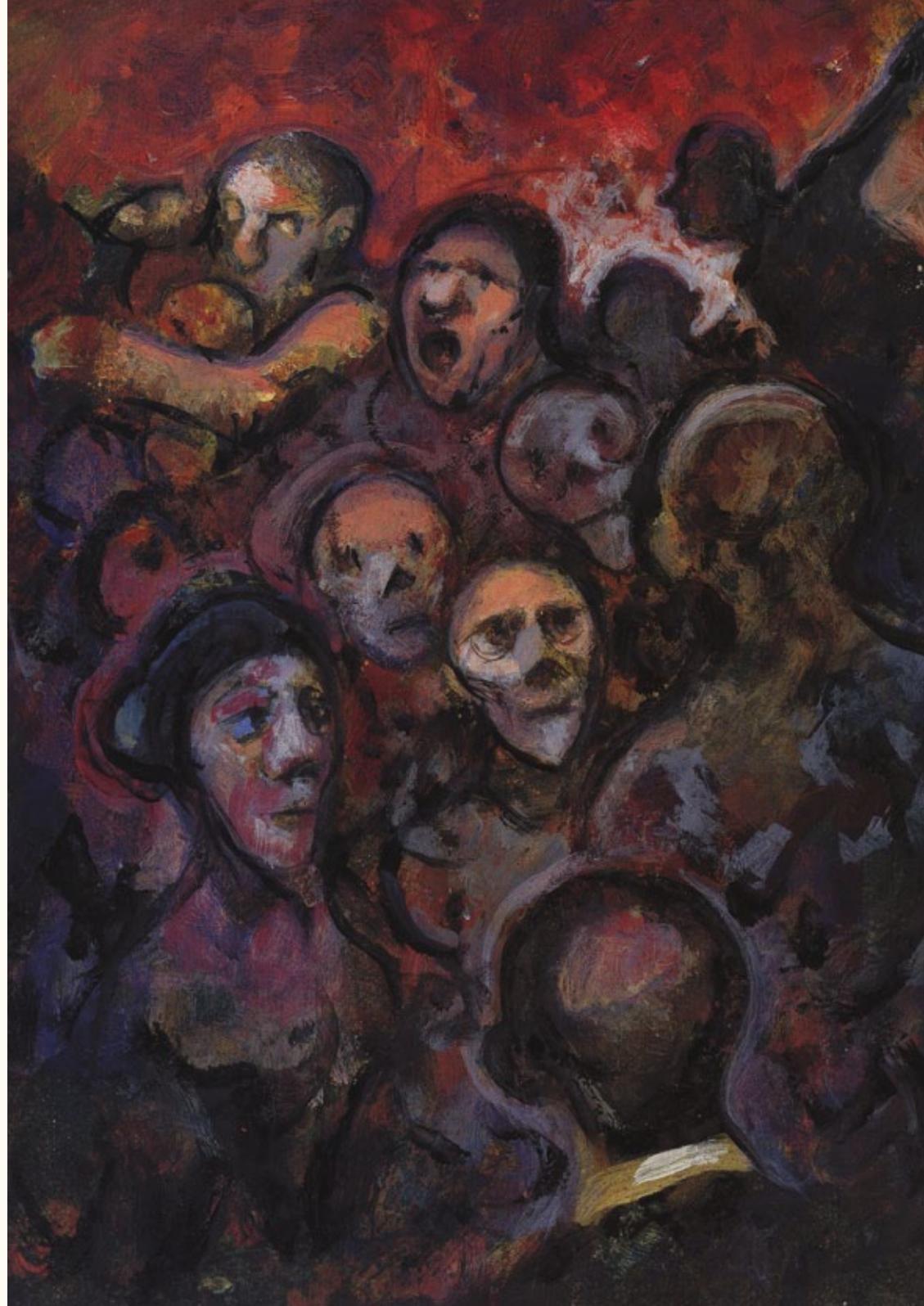
aquilino

Das suas personagens, lapidarmente recortadas (salientando-se, por mais conhecido, o Malhadinhas de Barrelas), são uma preciosa e vivíssima galeria de retratos que plasmam, por vezes em meia dúzia de toques breves, o etos de figuras que sobrevivem num mundo e numa natureza sempre em transformação.

A natureza – e o homem nela – são captados nos seus cambiantes de luz e cor, de repouso e movimento e, ora em poucos e precisos pormenores, ora em descrições espraiadas, em que se sente o prazer do escritor a juntar-se ao do leitor, a realidade é apresentada diante dos nossos olhos de uma forma tão viva, tão expressiva e tão convincente como é raro em muitos outros escritores. Talvez Camilo pudesse ser chamado a este campo, embora, ao que dizem – não li tudo, longe disso – não se possa encontrar uma única árvore em toda a obra do grande mágico de Seide.

Mas se considerarmos a segurança e capacidade de evocação do real que Camilo mostra na figuração dos animais, seguramente poderemos colocar Aquilino, pelo menos, na mesma plana: ocorrem-me logo a variedade bem diferenciada dos gatos do conto *Menos Sete em Caminhos Errados*, ou a descrição minucioso e hábil do casal de lobos no final de *Quando os Lobos Uivam*. Para um escriba aprendiz – sendo certo que perante os grandes mestres somos todos aprendizes – fica a grande vontade de surpreender, de lápis na mão, os processos narrativos utilizados: como é que aquilo se faz?

Há cerca de quarenta anos, pronunciando-se numa intervenção sobre Aquilino, o professor Óscar Lopes dizia que, «lendo-o, descobrimos, paralelamente, o seu próprio génio e o génio da língua portuguesa».

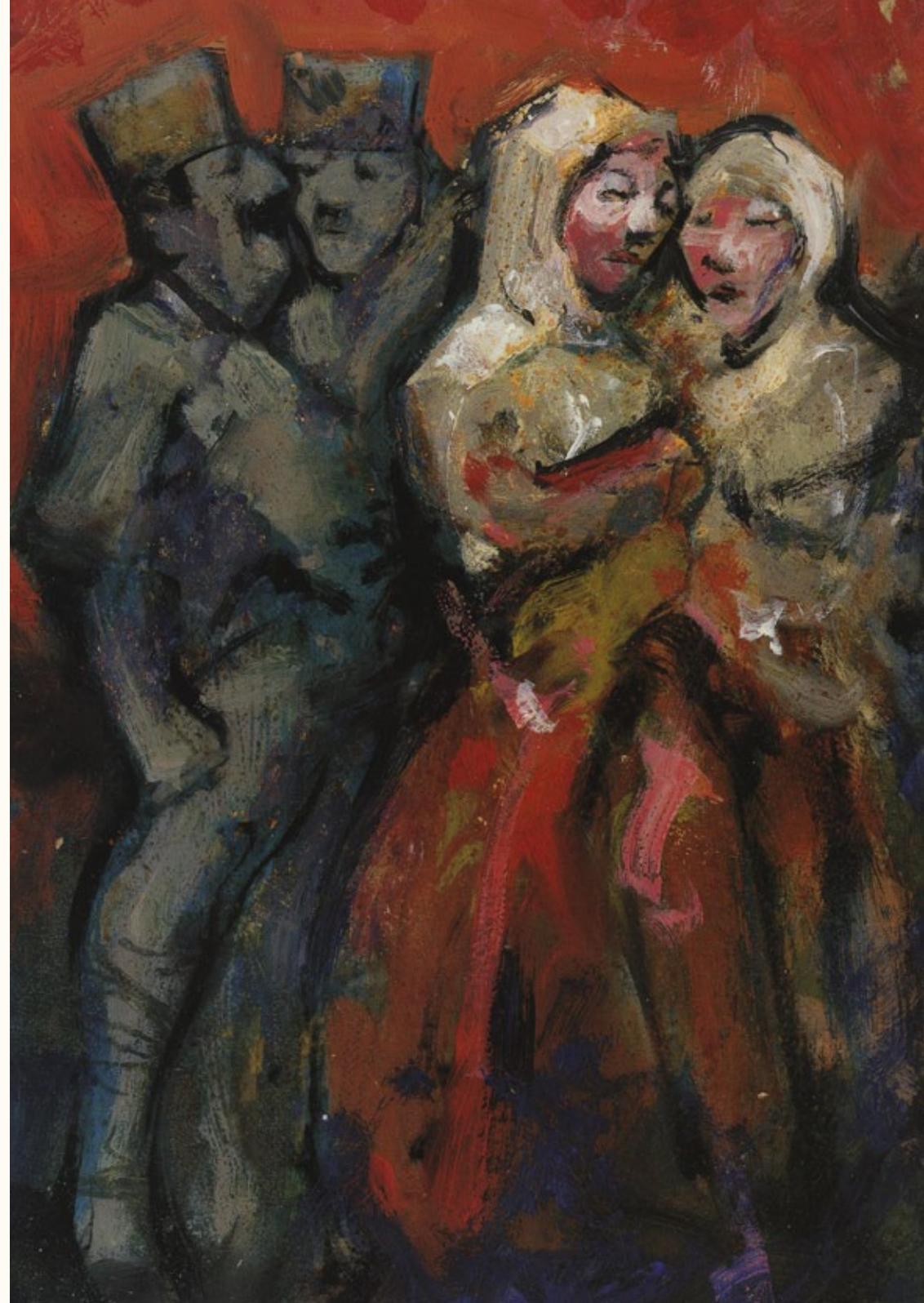


aquilino

Ressaltam em Aquilino o esplendor e as virtualidades do idioma, através de um manuseio sábio, conhecedor de cada recanto, de cada desvio, de cada alçapão, de todas as gradações e tons em que a língua se exprime. A consabida exuberância do vocabulário, só por si merecedora, na sua excelência, de estudos desenvolvidos, não é apenas uma explanação quantitativa da riqueza lexical do Português, nem uma lavra de raízes, étimos e regionalismos, para nos reduzir às misérias do nosso desconhecimento. É antes uma malha densa e trabalhada, que passa pelas sonoridades e pelos ritmos, mas também pela gradação de matices e tons, como se na alma do escritor coabitassem a música e a pintura. Mark Twain sugeriu que a diferença entre uma palavra e outra pode ser a que medeia entre um pirilampo e um raio. É essa preocupação do cambiante, da palavra portadora de ressonância e criadora de efeitos sensoriais e visuais, ou de sobresaltos de surpresa e curiosidade, que me parecem caracterizar, sobremaneira, a magnífica prosa de Aquilino.

A construção original da frase, a intersecção entre o vernáculo e o erudito, entre a gíria de ocasião e a cultura clássica, o provérbio, o dito, a sentença sábia que foi correndo gerações, nos meios populares, regionais, mas também nos meios letrados, a espantosa atenção aos efeitos frásicos, às onomatopeias, à carga expressiva, são traços da magnífica arte combinatória que se praticou na oficina de Mestre Aquilino e que continuará pelos anos fora, a encher-nos de júbilo (e reconhecimento, nas várias acepções do vocábulo) a cada descoberta, a cada desafio, a cada lance de sedução.

Elejo uma das novelas porventura menos conhecidas de Aquilino, *Frei Bertolameu dos Mártires* que qualquer especial afi-



aquilino

nidade, me leva a rever, de quando em quando, e que é baseada na turgida *Vida do Arcebispo* de Frei Luís de Sousa, para destacar um dos atributos com que a Providência dos escritores o dotou e que impregna toda a sua obra, como uma espécie de sopro benigno e irradiante: – a *Graça*.

Não está aqui em causa a mera virtualidade de provocar o riso, ou sorriso, mas aquela ironia fina, que percorre todo o texto aquiliniano, num pesponto luminoso, e que nos transmite a sensação, às vezes muito subtil, de uma sabedoria contida, por encantamento, no interior da linguagem, que provoca o júbilo de um reencontro, em que se desvenda o lado risível e caricatural das situações, mesmo – no caso de *Frei Bertolameu dos Mártires*, – as mais solenes, graves e ríspidas.

Júbilo – repito – é o vocábulo que melhor exprime o acolhimento do leitor, ao sentir o pulsar do idioma em todas as suas ínfimas vibrações e ressonâncias, na presença, eternamente viva, de um dos grandes vultos que a literatura portuguesa produziu, vai para nove séculos de História.

Assim consigamos nós, escritores deste nosso tempo, estar, não à altura de Aquilino, porventura inacessível, mas ao abrigo da sua memória, prestando-lhe, além desta homenagem solene, o maior preito que pode prestar-se a um escritor: ler o seus livros, dispondo-nos em cada momento, para a grande festa da imaginação e da cultura. ■



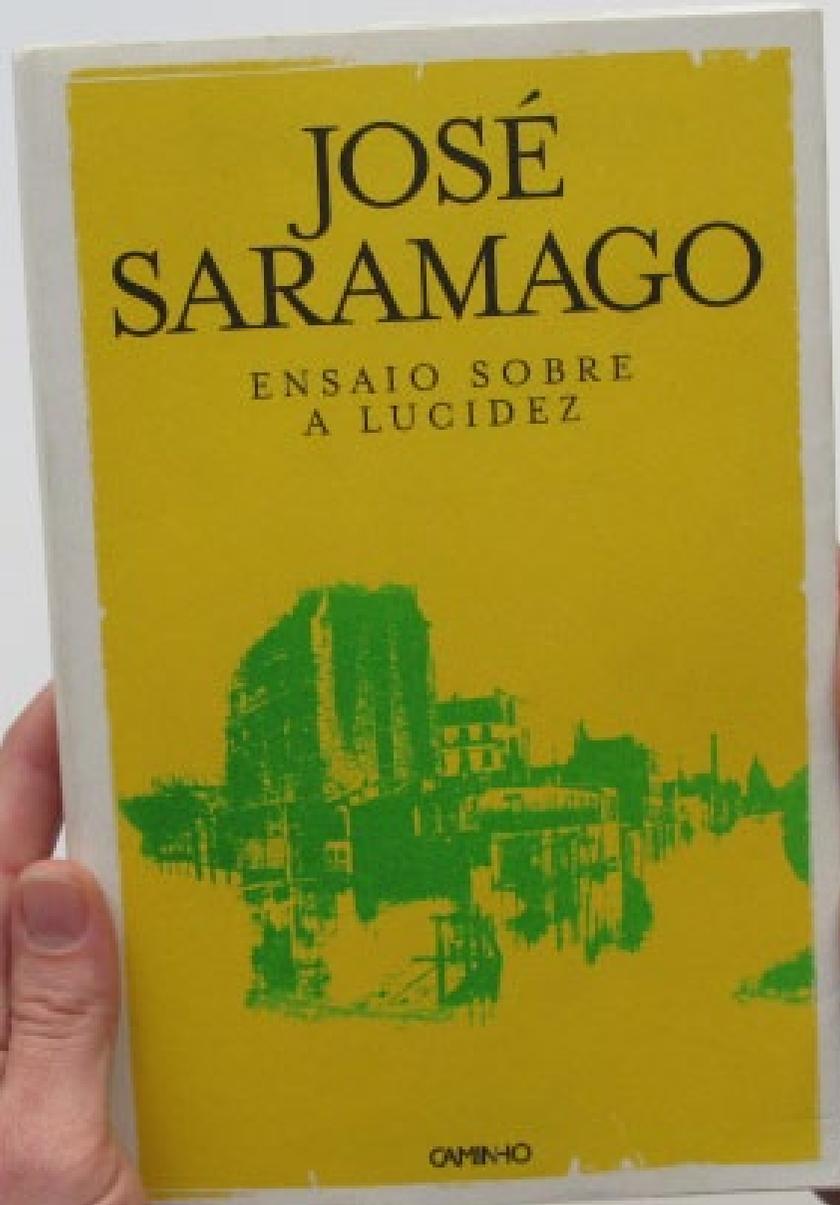
Saramaguiana

indidi

ginnaddo

indignado

Em novembro de 2004 José Saramago visitou a Biblioteca Luís Ángel Arango, de Bogotá, para uma conversa com Forge Orlando Melo, director da Biblioteca, a propósito do livro Ensaio sobre a Lucidez. No mês que antecede o início da Feira do Livro de Bogotá, que terá Portugal como país convidado, parte dessa conversa é agora publicada na Blimunda.



indignado

A

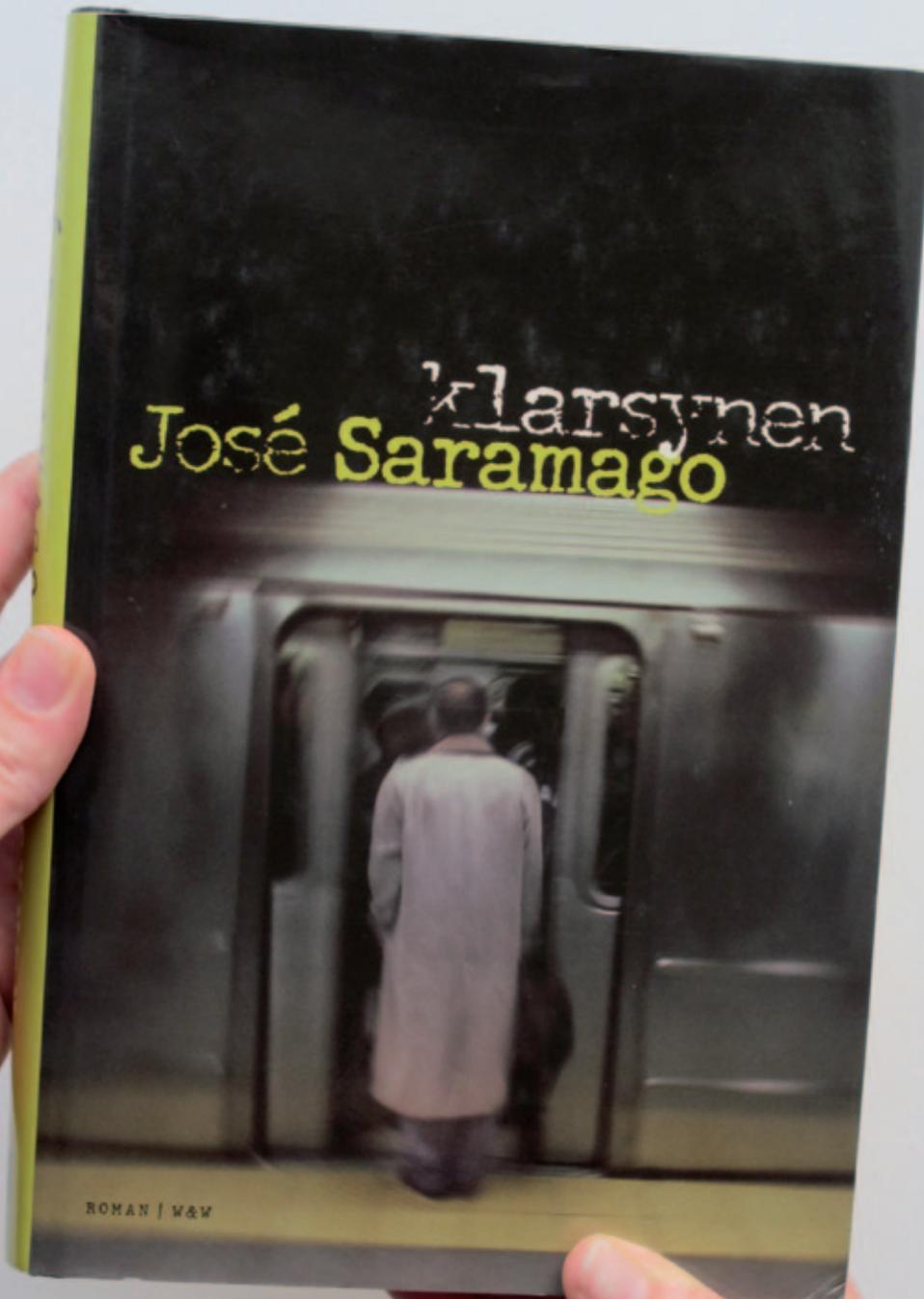
conclusão é muito fácil: os políticos preferem a abstenção ao voto em branco. Com a abstenção viveram sempre e encontraram uma forma de a justificar: pela chuva, pelo sol, pela praia, pela gripe, pela doença, ou simplesmente porque à pessoa não lhe apeteceu votar. Não é o mesmo que 40% de eleitores tenham intenção de votar e, porque as propostas existentes não lhes interessam, decidem votar em branco.

Penso que não se pode dizer, com toda a ligeireza do mundo, que vivemos em democracia quando essa democracia não dispõe de meios nem de qualquer instrumento para controlar ou para impedir os abusos do poder económico.

Acima daquilo a que chamamos o poder político há outro poder não democrático, o económico, que a partir de cima determina a vida do outro poder que está por baixo.

Ao FMI manobram-no representantes das cinco grandes potências do mundo. Por isso para os outros países não há nada a fazer: ou se submetem, aceitam as condições, ou então fecha-se-lhes a torneira.

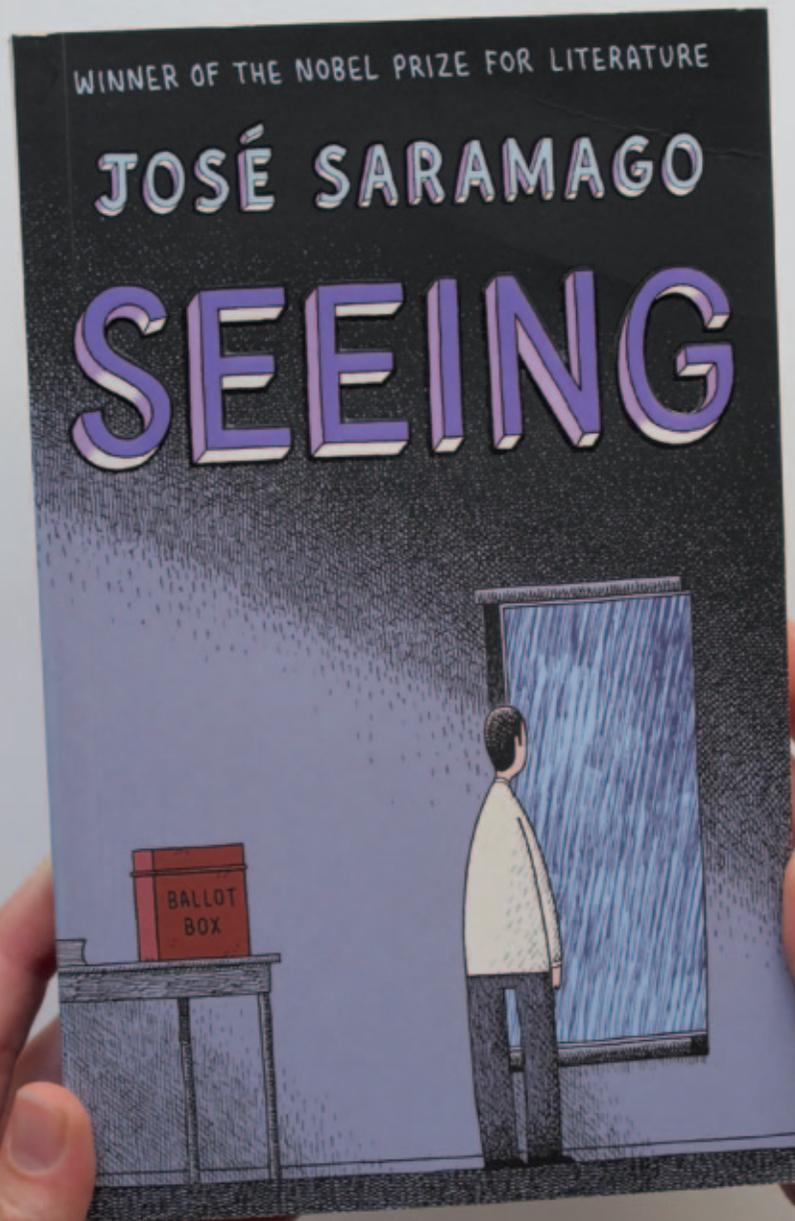
Isto parece-me muito claro e dou-vos um exemplo. Houve um tempo em que toda a ambição, a ilusão de um governo que se prometia aos cidadãos era o que se chamava então de pleno emprego, o que significaria emprego para toda a gente e para toda a vida. Era um ideal inalcançável, mas pelo menos falava-se disso. Em 20 anos, ou até em menos tempo, passámos do pleno emprego para a realidade brutal do emprego precário, a que eufemisticamente chamo mobilidade social. Como é que isto aconteceu?



indignado

No fundo, é como um exercício de prestidigitação assombrosa, pelo meio do qual o poder económico, muito respeitado, fez saber aos governos que precisamos de ter as mãos livres, que se temos de encerrar umas fábricas, pois que as cerremos e não peçamos contas, levamo-las para outro país onde os salários são mais baixos e onde os horários de trabalho não têm limite. Então, como uma ordem que cai do céu, pouco a pouco, sem nos darmos conta, passamos ao emprego precário. Isto fez-se de maneira tal que já ninguém recorda, ou comportamo-nos como se não nos recordássemos de que houve um tempo, não tão distante assim, em que se falava de emprego para toda a gente.

Agora vivemos nisto. Empresas que contratam trabalhadores por uma hora, aquilo a que em Espanha se chama contrato-lixo. O pior de tudo é que é como se nos tivessem arrancado um dente com anestesia. Arrancaram o dente, não sofremos nada, mas agora sentimos que há um vazio que é a preocupação, o medo de perder o trabalho. Isso é o que chamamos de democracia. É uma fachada. Não quero dizer que por trás dessa fachada não exista nada, pois todos os dias se constrói, todos os dias se tenta e todos os dias algo se consegue, mas não no fundamental, que constitui o velho e permanente problema: o poder. Quem detém o poder, como chegou ao poder, para que fim o tem, e o que há que aceitar, porque é uma evidência que os governos se transformaram nos comissários políticos do poder económico, o concubinato entre o poder político e o poder económico existe desde sempre. Creio que a democracia é o menos mau de



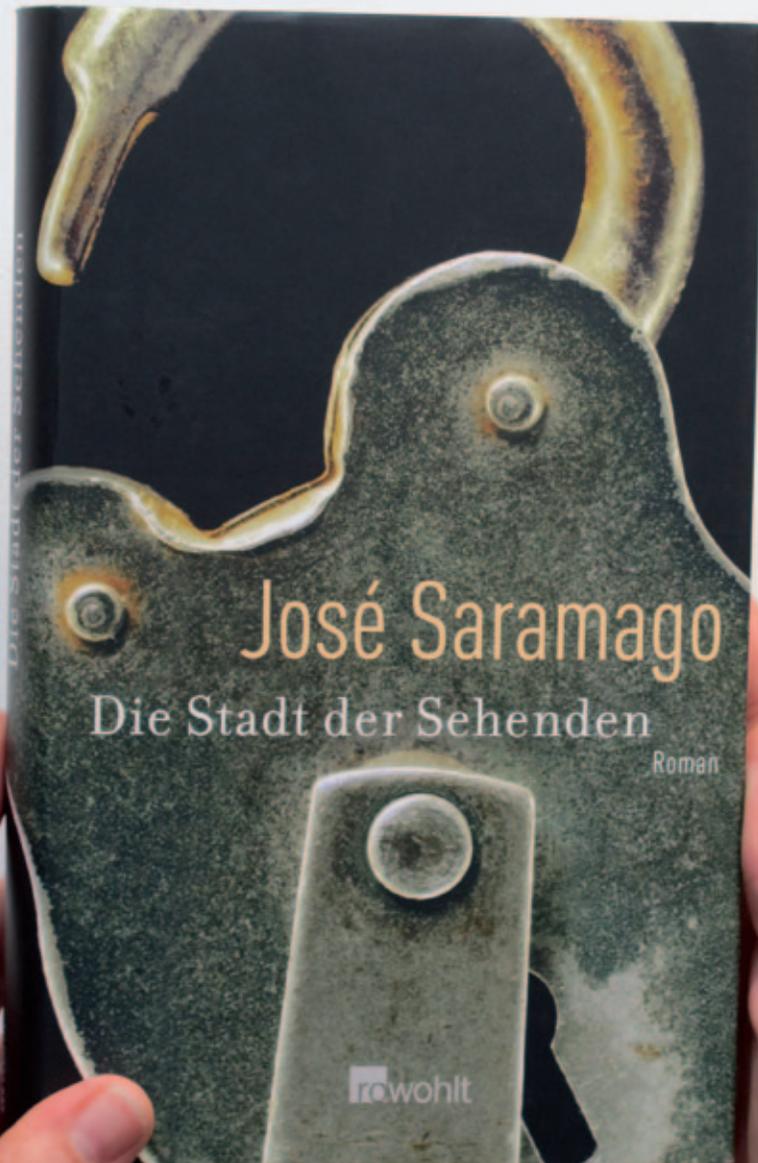
indignado

todos os sistemas políticos, mas poderíamos reinventá-la, e para isto apenas se requer que lhe demos os meios adequados, que são as convicções dos cidadãos, a capacidade de intervenção de cada um de nós para que a democracia, simplesmente, seja como deve ser, e a verdade é que não o é.

Neste livro há uma frase que, no fundo, resume o romance, condensa-o, concentra-o em pouquíssimas palavras: «Quando nascemos é como se assinássemos um pacto para toda a vida, mas pode chegar o momento em que nos perguntemos quem é que assinou isto por mim». Creio que isso nos acontece. A Saulo, que perseguia os cristãos, de repente aparece-lhe uma luz imensa, cai do cavalo e escuta uma voz que diz: «Por que me persegues, Saulo?». E aí converteu-se. Claro que não aspiro a tanto, não sou tão ingénuo a ponto de poder dizer que com esta frase mudei o mundo, mas vai chegar o dia em que perguntaremos quem é que assinou isto por mim e não se ouvirá uma voz que diga por que me persegues, mas talvez possamos dizer-nos uns aos outros «óptimo, andamos a pensar nisso».

H

á uns anos reuniram-se dez escritores e filósofos para debater algo tão interessante e ao mesmo tempo tão inútil como apresentar dez propostas para o milénio, como se o milénio estivesse preocupado com as propostas, e eu era um deles. Todos tomaram o tema proposto de forma séria e apresentaram propostas para o milénio, evidentes quase todas, e eu, que sou muito mais consciente das minhas próprias limitações, propus





indignado

regressar a essa coisa tão simples, tão estupenda, tão magnífica, tão deslumbrante, que é o pensamento. Pensar, regressar à filosofia.

Agora mesmo, em todo o mundo estão a realizar-se milhares de congressos, milhares de mesas redondas, milhares de simpósios, e posso assegurar, sem medo de me equivocar, que há uma única coisa que não se está a discutir: a democracia. É como se fosse um dado descoberto de uma vez por todas e para sempre, e portanto sobre ele não vale a pena falar e eu digo que, pelo contrário, sim, vale a pena, falar interminavelmente, pensar, reflectir, discutir com os nossos entes mais próximos, clarificar coisas. Nós vivemos no que se pode chamar hoje, sem nenhum exagero, um deserto de ideias; não há ideias, não há ideias novas, não há ideias que mobilizem, não há ideias que façam levantar as pessoas da sua resignação, parece que todos nos resignámos a uma espécie de fatalidade que não aceita mudanças. Mas as ideias tão-pouco nascem assim do nada, é a própria sociedade a que tem de gerá-las e, quando tal ocorrer, começaremos a ter alguma coisa.

Se a vida privada acabou de alguma forma, a consciência privada, para usar o mesmo termo técnico, sofreu um atentado semelhante. A liberdade, e agora falo da liberdade de consciência, por vezes arrisca-se a converter-se em algo utópico, com muito pouco conteúdo.

Tivemos liberdade para torturar, para matar, para assassi-



nar, e tivemos liberdade para lutar, para ir em frente, para tentar manter a dignidade. É aterrador o uso que se pode fazer de uma palavra. O importante é que exista a presença de um sentido de responsabilidade cívica, de dignidade pessoal, de respeito colectivo; se se mantém, se se constrói, se não se aceita cair na resignação, na apatia, na indiferença, isto pode ser uma semente para que algo mude.

O

que vai provocar a palavra semente? Algo que amanhã dará flores e frutos. Acredito muito que, se houver debate, é possível mudar as coisas, mas não podemos limitar-nos a esse debate que por vezes aparece nos meios de comunicação, que é uma coisa entre uma determinada família de comunicadores, de jornalistas, de políticos também, que no fundo manipulam os conceitos, como temos visto, como é claro para todo o mundo. Enquanto não ser puder mudar o que está por cima (o poder económico), vai ser muito difícil.

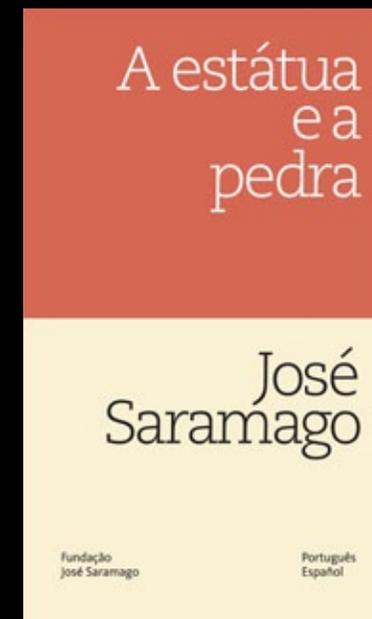
Hoje, quando passámos ao lado de um cemitério de Bogotá, falava com a minha mulher sobre o epitáfio que escreveria na lápide, supondo que os restos ficassem ali, e então disse que poria «Indignado». E realmente digo indignado por dois motivos: um pessoal e o outro egoísta. Indignado por estar morto, não há direito, realmente, e o outro, pior, indignado por ter passado pela vida e não ter podido mudá-la. Isto é terrível. ■

Novo livro de José Saramago

A Estátua e a Pedra permanecerá entre as obras de José Saramago como um ponto cimeiro, como um momento alto de comovida e livre autorreflexão.

Luciana Stegagno Picchio

A Estátua e a Pedra, edição da Fundação José Saramago, terá um lançamento mundial na segunda quinzena de abril, na Feira do Livro de Bogotá. A obra, em edição bilingue, em português e espanhol, estará disponível no mercado português no início de abril.



agenda

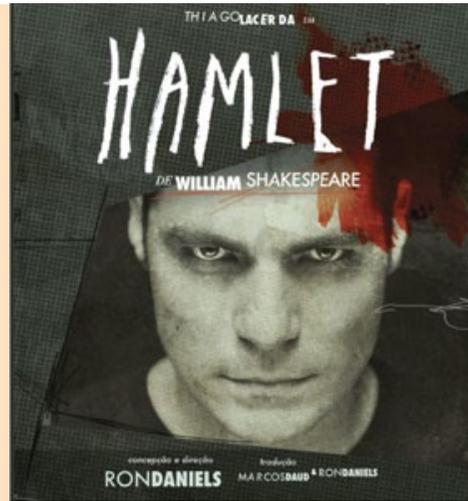


até 1 JUL Presentación temporal:

Historias Sagradas

Obras de pintores espanhóis que passaram por Roma em meados do século XIX. No Museu do Prado, em Madrid, até 1 de Julho.

<http://www.museodelprado.es/>



até 14 ABR Hamlet

Encenação de Ron Daniels do drama de William Shakespeare, com interpretação de Thiago Lacerda. No Espaço Tom Jobim, R de Janeiro, até 14 de Abril.

http://www.jbrj.gov.br/cultura/espaco_tom_jobim.html

1 A 7 ABR III Festival Lite- rário da Madeira

Debates, encontros com autores, feira do livro e programação infantil. De 1 a 7 de Abril, no Teatro Municipal Baltazar Dias, Funchal.

<http://www.festivalliterariodamadeira.pt/>

até 8 SET L'art en guerre. Francia, 1938- 1947:

De Picasso a Dubuffet

Exposição sobre a produção artística francesa no contexto da II Guerra Mundial, em parceria com o Musée d'Art Moderne de Paris.

No Museu Guggenheim, em Bilbao, até 8 de Setembro.

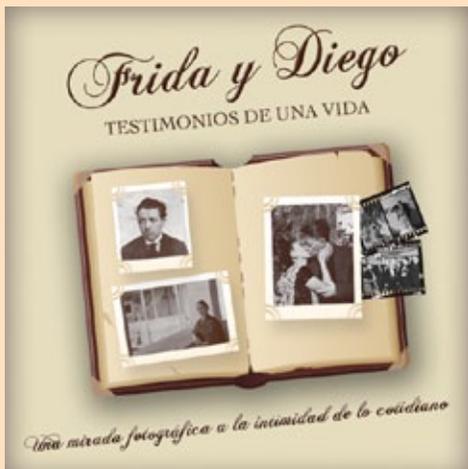
<http://www.guggenheim-bilbao.es/>



até 27 ABR Por Tudo e Por Nada

Peça de Nathalie Sarraute, com encenação de Jorge Silva Melo, em mais uma produção dos Artistas Unidos. No Teatro da Politécnica, em Lisboa, até 27 de Abril.

<http://www.artistasunidos.pt/index.php>



até 31 JUL

Frida y Diego: Testimonios de una vida

Exposição de fotografias que acompanham o quotidiano partilhado de Frida Kalo e Diego Rivera. Museo Dolores Olmedo, Cidade do México, até 31 de Julho.

<http://www.museodoloresolmedo.org.mx/>

31 MAR **Orquestra Nova e Orquestra de Nenos da Sinfónica de Galiza**

Concerto com as duas orquestras mais novas ligadas à Sinfónica de Galiza, dirigido por Diego García Rodríguez, com obras de Vivaldi, Tchaikovski e Mahler. Auditório de Galiza, Santiago de Compostela, 31 de Março.

<http://www.sonfuturo.com/>

até 31 MAR **Circuitos Cruza-** **dos**

o Centre Pompidou encontra o MAM

Exposição que cruza a colecção de arte mundial do Centre Pompidou, de Paris, e a do Museu de Arte Moderna, com forte presença brasileira. No Museu de Arte Moderna, em São Paulo, até 31 de Março.

<http://www.mam.org.br/>

agenda

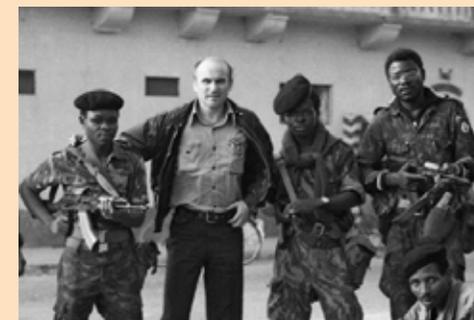


até 27 OUT **Cartazes de Propaganda Chinesa**

A Arte ao Serviço da Política

A propaganda em forma de cartaz numa exposição que acompanha a China entre 1959 e 1981. Museu do Oriente, Lisboa, até 27 de Outubro.

<http://www.museudooriente.pt/>



até 21 ABR **O Poeta da Reportagem** **Ryszard Kapuscinski**

Exposição de fotografias do escritor e jornalista que acompanhou vários momentos essenciais da história do séc. XX. Centro Português de Fotografia, Porto, até 21 de Abril.

<http://www.cpf.pt>

BLIMUNDA

Diretor

Sérgio Machado Letria

Edição e redação

Andreia Brites

Sara Figueiredo Costa

Design e paginação

Jorge Silva/Silvadesigners

FUNDAÇÃO JOSÉ SARAMAGO

Casa dos Bicos

Rua dos Bacalhoeiros, 10

1100-135 Lisboa – Portugal

blimunda@josesaramago.org

<http://www.josesaramago.org>

N.º registo na ERC – 126 238

Os textos assinados são

da responsabilidade

dos respetivos autores.

Os conteúdos desta publicação

podem ser reproduzidos

ao abrigo da Licença

Creative Commons

